

APÊNDICE A - Pesquisa artística do grupo Cinema de Poesia (2004-2009)

Tudo o que os primeiros filmes precisam ter: um olhar pelo cinema e pela vida, uma declaração de princípios do que o cinema pode ser, do que se busca no cinema, do que lhe interessa investigar em particular.⁵³⁶

Marcelo Ikeda

O curta inicial da pesquisa, **Três Tons sobre o poema de um pintor**, revela o processo criativo do artista plástico Morvan Brandão. Reúne, ainda que timidamente, pintura, música, literatura e cinema, constituindo o marco inicial da trajetória do Cinema de Poesia.⁵³⁷

As imagens foram gravadas em uma tarde, no início de janeiro de 2004, no ateliê do artista. Para a captação de imagens, a pesquisa proposta era que a câmera imitasse o movimento do pincel sobre a tela, acompanhar a mão no ato da criação com o movimento da câmera em sincronia. Com a intenção de investigar o processo de criação da arte da pintura de Morvan, foi possível perceber que, para a composição de uma tela, diversos quadros eram pintados um sobre o outro, formando camadas.



Morvan era intenso, compulsivo e, por vezes, trabalhava em sete quadros simultaneamente. Esse conceito plástico de sobreposição de camadas era essencial para o entendimento do conceito de arte utilizado por ele. A primeira busca na estética do trabalho era realizar, nas imagens em movimento, o mesmo conceito de imagens sobrepostas que ele utilizava na criação de suas telas. Eram necessários muitos enquadramentos, *closes* e detalhes para a obtenção de uma palheta de imagens e cores suficientes para a realização dessa proposta.

⁵³⁶IKEDA, Marcelo. **Cinema de Poesia**. 2006. Disponível em: <www.cinemadepoesia.art.br>. Acesso em: jun. 2009.

⁵³⁷Ao grafar Cinema de Poesia em maiúsculas, o autor se refere ao grupo de Cinema de Poesia fundado em janeiro de 2004. Em caixa baixa, ao cinema de arte quanto gênero, conhecido como cinema de poesia.

O nome do curta-metragem revela sua principal pesquisa durante o processo de montagem: investigar a relação entre o tom da cor e o tom da nota, ou seja, seu timbre. A Fotografia foi de extrema importância para retratar a multiplicidade de cores e tons no processo de criação. Para compor uma tela, inúmeras texturas foram utilizadas até se alcançar o objetivo esperado. Utilizando as imagens brutas captadas e recursos digitais, o curta-metragem tornou-se uma referência direta do processo criativo de arte do pintor, utilizando em cada trecho texturas de azul, vermelho e branco. Essa pesquisa principal originou o título do curta-metragem, **Três tons sobre o poema de um pintor**, com nove minutos de duração.



Existe uma rima entre os tons nesse poema de cores e sons. O vermelho é denso, angustiante e com imagens rápidas. Um maior número de texturas ambienta o momento íntimo da criação frenética e compulsiva, acompanhado do som de um violino. O vermelho é uma cor que possui alta frequência, do mesmo modo que o agudo possui altas frequências nas vibrações sonoras. Para realizar esse paralelo, foi escolhida a Sonata para o violino número 6 de Paganini para ilustrar a primeira parte do trabalho, o tema sobre um violino vermelho.

Para a segunda parte - Tema sobre um violoncelo azul -, a trilha escolhida foi Adágio Sustainuto, de Chopin. Em harmonia com o timbre, o azul domina a imagem. Retrata o corpo, a inspiração da arte e o contemplativo. Possui movimentos lentos, cadenciados, em oposição ao primeiro tema, estabelecendo uma antítese tanto em relação à cor quanto ao movimento.



Por fim, usou-se o branco no clássico ato de desconstrução, de morte do artista, representando o processo natural de entendimento e de criação artística. Todo o processo de criação encerra-se, a partir de determinado ciclo. O branco, portanto, significa o eterno construir e desconstruir da arte, o fim de um trabalho e o início do seguinte.

Por vezes apenas o traço da silhueta do rosto do pintor é percebido. É um processo de metonimização da imagem, com a finalidade de utilizá-la como uma parte da camada. A música ao fundo pertence a Rachmaninoff. O curta-metragem **Três Tons sobre o poema de um pintor** explora a sinestesia existente entre a imagem e o som.

O trabalho foi exibido em diversos festivais nacionais e teve sua estreia internacional no 55º Festival Internacional de Montecatini, na Itália, em julho de 2004. No ano seguinte, foi exibido no Asolo Art Film Festival, um evento dedicado a filmes de arte na Itália, e no Festival Internacional de Cinema de Vinã del Mar, no Chile. No ano de 2005, recebeu uma menção honrosa no Cine Vídeo 2005, Festival Nacional de Cinema e Vídeo da UFRJ.

Esse curta-metragem é o único registro realizado do processo de composição do Artista Plástico Morvan Brandão. Na imagem abaixo, podemos ver o quadro final criado especialmente para as filmagens. Nascia um diálogo entre a pintura, a música e o cinema no primeiro trabalho realizado pelo grupo Cinema de Poesia.



THE PLAY E O TEATRO - 2004

O segundo trabalho, iniciado em março de 2004, foi a construção de videoprojeções para o Espetáculo **The Play**, o primeiro *reality show* de teatro contemporâneo realizado no Brasil, coordenado pelo diretor teatral Alan Castelo. Para a composição dos vídeos, foram impostas as seguintes regras: a) Todos os elementos deverão constituir uma total desconexão entre si, ou seja, cada um será criado aleatoriamente, tendo apenas o tempo como referência nessa justaposição. b) Uma das características do cinema contemporâneo é a percepção de que as contradições criam velocidade. Sugiro que abordem este trabalho de uma forma verdadeiramente diferente dos seus trabalhos anteriores. C) A cor predominante é o verde, e as imagens devem fazer referências à tecnologia e às novas mídias.

Com trilhas superpostas, foi possível formar uma imagem a partir da colagem de muitas outras. Para retratar o contemporâneo, foram selecionadas imagens de tecnologia, utilizando vídeos e fotos de baixa resolução da internet. As imagens foram aceleradas para transformar o que Deleuze chama de “imagem-ação” em “imagem-tempo” pela alteração de velocidade, apressando todas as imagens.



Após a edição, o vídeo **The Play** foi exibido para 50 pessoas. Depois da apresentação, perguntou-se aos espectadores a duração do tempo do vídeo, a fim de saber se o objetivo foi alcançado. Duas pessoas disseram que o vídeo tinha a duração inferior a três minutos. Três disseram que o trabalho tinha três minutos.

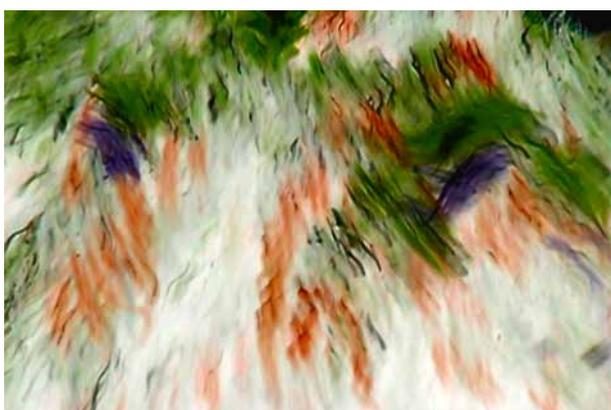
No entanto, a maior parte dos entrevistados (46) percebeu a duração do vídeo apontando valores entre quatro e oito minutos. Algumas respostas chegaram ao tempo de 12 minutos. Portanto provou-se, na prática, que o tempo de duração de uma obra audiovisual é relativo e pode ser controlado por meio de técnicas de criação e composição.

A SÉRIE POETAS E A QUEBRA DO CORPO FOTOGRÁFICO - 2004/2005

Ora, o olho que vê o quadro sendo pintado torna a visão do outro um instrumento poético ilimitado com o auxílio das diferenças dos meios: música-pintura-poesia-cinema. Refazendo-se assim o invisível filtro da mecânica da contradição: tudo pode ser imagem desde que haja passagens alteradas da linguagem para o pensamento.⁵³⁸

A Série Poetas é formada por quatro curtas-metragens: **Jardim, Elevador, Trem e Moinho**. Nos trabalhos anteriores (**The Play, Três tons**), vimos a pintura, a fotografia e a abstração da imagem conseguidas com a utilização de recursos digitais. A proposta era alcançar a abstração da imagem no momento da captação pela câmera, e não na montagem. O estudo procurava a quebra da imagem naturalista, real, registrada pela câmera - uma caligrafia com a câmera, como se ela fosse uma caneta na mão de um escritor. Na década de 50, Alexandre Astruc havia proposto a câmera-caneta, de forma que escrevia novos movimentos com a imagem, utilizando o equipamento cinematográfico com liberdade.

Alterando o tempo de exposição de cada quadro, uma pesquisa de câmera é iniciada para pintar abstratamente a realidade com o movimento. Quebrando a relação de cópia com a realidade, continua o estudo iniciado em **Três tons sobre o poema de um pintor**, onde a câmera atua como um pincel, e a movimentação corporal possibilita a captação de uma imagem próxima à tinta. Percebemos a polifonia artística no processo de captação, incluindo características do processo de criação de um pintor e de um bailarino para alcançar uma imagem-tinta. Com a variação de velocidade e ângulo, a pintura é realizada.



⁵³⁸ ROSEMBERG, Luiz. **Réquiem de um Poeta**, 2005. Disponível em: <www.cinemadepoesia.art.br>. Acesso em: jun. 2009.

O curta-metragem **Jardim do Poeta** foi finalizado em julho de 2004 e tem duração de seis minutos. A música clássica é a trilha sonora do filme. O filme foi exibido na Polônia, no Canadá, nos Emirados Árabes, no Egito, na Colômbia, na Índia e em Portugal.

ELEVADOR DO POETA – 2004

O curta-metragem **Elevador do Poeta** foi produzido no interior do Espaço Cultural dos Correios e tem duração de três minutos. O objetivo era a continuação da pesquisa iniciada no curta-metragem **Jardim do Poeta**, só que realizado em um espaço restrito e urbano, uma antítese em relação ao espaço natural e livre do jardim. Um outro movimento adicional é o deslocamento vertical do elevador.⁵³⁹

Algumas imagens captadas possuíam uma estética de fantasia. Para a trilha sonora, foi escolhida a música *Rapsody*⁵⁴⁰ in Blue, de George Gershwin. Na edição das imagens, o objetivo era compor uma sinestesia entre o movimento, a cor e o som. Os elementos fantásticos captados no registro possibilitaram que a realidade fosse descrita de uma forma não naturalista.



TREM DO POETA - 2005

Durante o festival de cinema de Tiradentes de 2005,⁵⁴¹ foram realizadas imagens para compor o terceiro trabalho dessa série, **Trem do Poeta**, uma mistura dos espaços anteriores. O estudo, agora, foca-se sobre um longo deslocamento horizontal, restrito pelo espaço do interior do vagão, mas ampliado pela mudança da paisagem e de cores que possibilitavam

⁵³⁹ Da pesquisa de imagens-tinta realizadas no elevador, surgiu, posteriormente, a série Elevadores. Os estudos nessa série investigam a sincronia e a dessincronia entre a imagem e o som. Pesquisa-se também se é possível provocar uma sensação física específica no espectador por meio da combinação entre os recursos imagéticos e sonoros.

⁵⁴⁰ Rapsódia é uma composição musical de estrutura indefinida, que dá liberdade ao compositor em matéria de estilo, forma e tática, frequentemente reunindo vários temas de inspiração folclórica. Ficaram famosas as Rapsódias Húngaras de Liszt e a Rapsódia em Blue, de Gerhswin.

⁵⁴¹ Em janeiro de 2005 o curta-metragem Três tons foi selecionado para o Festival de Cinema de Tiradentes.

novos experimentos na textura de uma imagem-tinta. A ilustração seguinte mostra a imagem natural captada pela câmera, com o trem em movimento.



O curta-metragem **Trem do poeta** foi finalizado em março de 2005. O trabalho estreou na Polônia e teve a honra de abrir o III Festival de Filmes sem Fronteiras, no México. Em junho de 2005, conquistou o prêmio de Melhor Edição no 28º Festival Guarnicê de Cinema - Maranhão. Participou em diversos festivais nacionais e foi exibido em Portugal, na Polônia, na Itália, na Grécia, na Espanha, na Eslovênia, nos Emirados Árabes, na Colômbia, no Egito e no Irã.

MOINHO DO SONHO DO POETA NA ATUAÇÃO CÊNICA DE UM POSTE - 2005

O curta-metragem finalizado em julho de 2005, **Moinho de um sonho do poeta na atuação cênica de um poste**, encerra a pesquisa dos curtas da série Poetas. O objetivo era investigar o comportamento da imagem-tinta a partir de um objeto fixo e o movimento circular em torno do objeto. O formato do poste e a imagem-tinta registrada pela câmera com o movimento circular forneceram imagens que lembravam as pás do moinho e uma luta incessante. Logo, a figura de Dom Quixote e suas lutas inspiraram o roteiro para a montagem das imagens abstratas.



O poste foi personificado, criou vida, o mesmo conceito que habita a figura de linguagem prosopopeia. Como trilha sonora, foi composta, ao piano, a música Cadafalso Cênico.⁵⁴² A partir desses estudos sobre a imagem, a movimentação de câmera, surge a possibilidade de novas narrativas a partir da conjugação de processos artísticos provenientes da pintura, da música, da dança, da literatura, que encontrou amadurecimento no média-metragem **Réquiem**⁵⁴³ **de um poeta**.⁵⁴⁴

RÉQUIEM DE UM POETA 2004 - 2005

Réquiem do poeta é um média-metragem de 55 minutos e possui como trilha sonora o Réquiem de Mozart. **Réquiem de um Poeta** unifica os estudos de imagem realizados nos trabalhos anteriores. Da série **Poeta**, o aprendizado e a evolução da técnica da imagem-tinta, do trabalho **The Play**, a sobreposição de camadas, e, em **Três Tons**, a ampliação da investigação entre a cor, o som, o movimento, a pintura, o cinema e a poesia. Os quadros da pintora expressionista Carlinda Brandão constituem a base das imagens do trabalho.



Para a composição do **Réquiem de um Poeta**, além da obra da pintora, foram registradas imagens das igrejas históricas de Tiradentes e São João Del Rey.⁵⁴⁵ O objetivo era construir uma obra que fizesse dialogar as imagens de seus quadros com a natureza e a arquitetura barroca das igrejas.

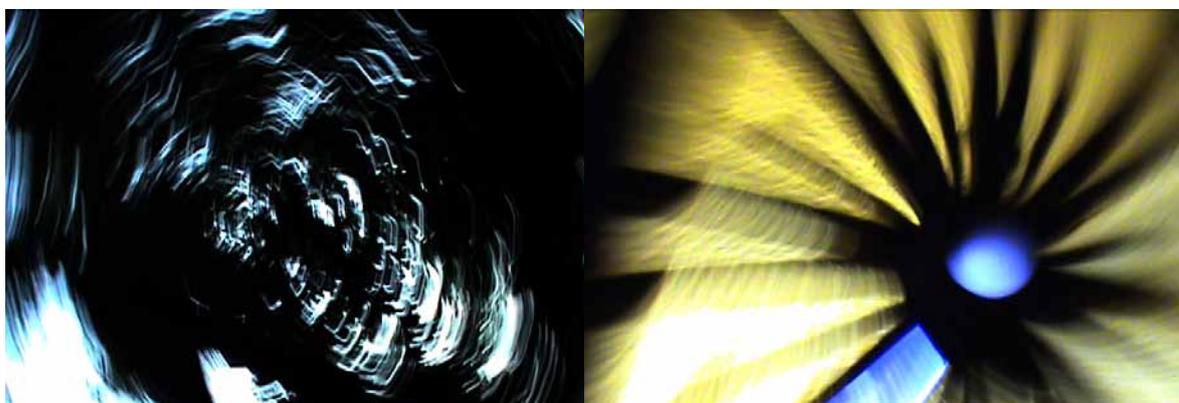
⁵⁴² Trilha sonora composta para piano pelo poeta André Scucato.

⁵⁴³ Réquiem, base musical para a missa do ritual católico em intenção das almas dos falecidos. Os réquiens de Mozart, Cherubini e Verdi geralmente são executados como peças de concerto. **TUDO**, Enciclopédia Abril. Editora Abril Cultural e industrial, São Paulo, 1977, p. 1080.

⁵⁴⁴ Réquiem composto em homenagem ao professor de filosofia e cinema Chico Elia, da escola Darcy Ribeiro. As filmagens iniciaram no dia 31 de janeiro de 2004, logo após a notícia de sua morte.

⁵⁴⁵ A viagem dessa trajetória entre essas duas cidades pode ser vista no curta-metragem **Trem do Poeta**.

Abaixo, duas imagens: a primeira realizada na captação em uma floresta e a segunda no interior de uma igreja em São João del Rey.



Ora, o olho que vê o quadro sendo pintado, torna a visão do outro um instrumento poético ilimitado com o auxílio das diferenças dos meios: música-pintura-poesia-cinema. Refazendo-se assim o invisível filtro da mecânica da contradição: tudo pode ser imagem desde que haja passagens alteradas da linguagem para o pensamento.⁵⁴⁶

Assim foi composto esse réquiem, em homenagem ao professor de filosofia e cinema Chico Elia,⁵⁴⁷ e dedicado a Morvam Brandão.⁵⁴⁸



Com relação à poesia, o média-metragem possui uma estrutura similar, a epopeia, divisão em cantos, elementos ligados aos elementos naturais. Nas imagens abaixo, os quadros da pintora impressionista, compostas pelos elementos do fogo e da água.

⁵⁴⁶ ROSEMBERG, Luiz. **Réquiem de um Poeta**. 2005. Disponível em: <www.cinemadepoesia.art.br>. Acesso em: jun. 2009.

⁵⁴⁷ Este Réquiem começou a ser composto em homenagem a Chico Elia, filósofo, pensador, professor de Cinema e Filosofia da Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Ele faleceu no dia 31 de janeiro de 2004, dia do início das filmagens.

⁵⁴⁸ Morvam Brandão foi o pintor de **Três Tons sobre o poema de um pintor**. Sua mãe, Carlinda, é a criadora das imagens de pintura utilizadas no média-metragem **Réquiem de um Poeta**.



Réquiem de um Poeta encerra o estudo de movimentos entre a imagem e a câmara-tinta, por meio de experimentações entre foco, aproximação, variação de ângulos e ajustes óticos; a luz é desenhada a partir da dança do cinegrafista. As imagens seguintes foram realizadas no interior da igreja, utilizando esta metodologia.



A trilha sonora é o **Réquiem de Mozart** na versão integral, em total sincronia com o estilo barroco do filme. O crítico de cinema Luiz Rosemberg Filho escreve sobre o média:

Na experimentação da imagem da subjetividade, é uma vigorosa expressão na linguagem da música sonhada pela pintura, que vai às profundezas da poesia, lapidada pelo Cinema. O éter se estende pela alma dos movimentos e das cores. O lado sensível capta essa extensão de êxtase. Como afirma Bachelard na sua "Poética do Espaço": a imagem poética nos coloca diante da origem do ser falante.⁵⁴⁹

⁵⁴⁹ ROSEMBERG, Luiz. **Réquiem de um poeta**. Disponível em: <<http://www.cinemadepoesia.art.br/poesia/requiemdeumpoetarosemberg.asp>>. Acesso em: abr.2009.

SÉRIE ELEVADORES – 2004/2005

A série Elevadores surgiu do estudo de movimentação e câmera no Elevador do Centro Cultural dos Correios. O primeiro desafio era, com um material bruto de cinco minutos, realizar uma série de quatro curtas que, juntos, ultrapassam o tempo de material captado. Somado o tempo da série Elevadores, alcançamos a duração do tempo de 13 minutos.

A série foi produzida no espaço interno do Centro Cultural dos Correios. O primeiro, **Elevador do Poeta**, foi finalizado em novembro de 2004 e possui uma linguagem poética. Os três trabalhos seguintes (Elevador, capítulos I, II e III) eram desprovidos de fantasia, em oposição ao **Elevador do Poeta**.

Construídos sobre um olhar maquínico, real, reconstrutor, os trabalhos Elevador Capítulos I, II e III tentam saber se, pela edição, é possível realizar um cinema poético e um cinema de prosa usando o mesmo material. Pesquisava-se também a possibilidade de estilos na edição em relação à música e em relação ao ritmo da imagem.



A série reúne um estudo de imagens-tintas montadas sobre imagens de estruturas geométricas, exploradas da arquitetura e do movimento do elevador, e seu espaço de construção. Quanto ao espectador, a investigação era saber se certas combinações entre ritmos de imagem e som poderiam despertar sensações físicas. O objetivo foi alcançado de forma curiosa.

Após a estreia da série no Festival de Cinema Universitário, em 2005, no dia seguinte encontramos uma diretora de cinema que havia visto os três trabalhos na noite anterior, e a mesma reclamou que, após ver a série **Elevador Capítulos I, II e III**, havia se sensibilizado de tal forma que, sentindo náuseas e tonturas, perdeu uma festa na mesma noite. O caso ocorreu principalmente durante a exibição do **capítulo III**, onde há uma aceleração na música e um fluxo de imagens com alta frequência e movimentação. Abaixo, temos três imagens do curta-metragem

Elevador Capítulo III.



Ao compararmos a primeira sequência de imagem do **Elevador Capítulo I** com as fotos acima do **capítulo III** e as do **capítulo II** a seguir, podemos perceber uma distinção clara de estilo na imagem realizada na edição digital não linear.



A música de João Gabriel Herculano possui participação essencial. As trilhas dos dois últimos capítulos, **Balanço de outono** e **Condução de Orfeu ao labirinto de Esher**, foram compostas pelo músico, iniciando uma importante parceria e unindo a música e seu estudo ao grupo Cinema de Poesia.

A SÉRIE FIGURAS DE LINGUAGEM – 2004/2005

As figuras de linguagem são essenciais para a construção e análise da poesia. Procurando pensar as figuras de linguagem no som, na imagem e em seu processo na construção da linguagem audiovisual, surge a série **Figuras de Linguagem**, compostas pela metonímia, prosopopeia, antítese e sinestesia. O objetivo é compor curtas-metragens nos quais as figuras de linguagem se destacam em diversos sentidos para auxiliar o ensino da literatura na educação, oferecendo um exemplo sonoro, visual e escrito. O uso da multimídia

na educação faz-se necessário, pois nos lembramos de 10 % do que lemos, de 30 % do que ouvimos e de 70 % do que vemos.

METONÍMICO - 2004

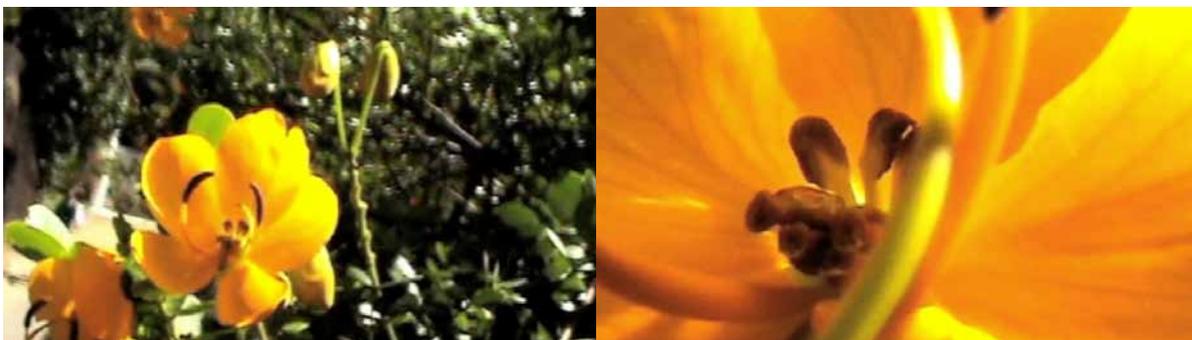
A figura de linguagem metonímia é reconhecida pelo modo como conjuga a parte pelo todo. Para alcançar esse efeito na imagem, foi necessário que apenas parte da imagem representasse seu todo. Realizou-se um estudo sobre o movimento dos corpos na dança contemporânea durante os ensaios do espetáculo de dança dirigido pelo coreógrafo Renato Vieira. A imagem foi decomposta por meio de processos de edição digital, retirando elementos e aplicando efeitos gráficos, porém preservando a movimentação.

Na parte sonora, o espetáculo apresentava o DJ Nino Carlo. A música eletrônica, executada ao vivo durante o espetáculo, ilustra a metonímia sonoricamente. Basta pensar o ritmo que compõe a estrutura da música para perceber uma relação metonímica em que a batida (a parte) é percebida como a música (todo) devido à repetição. O registro da criação ao vivo do DJ Nino compõe a trilha sonora do curta e atua como guia para o processo de metonimização da imagem. Unificado a metonímia realizada através da computação gráfica e manipulação digital das imagens e do som, são elementos que contribuem para a desconstrução metonímica da obra.



PROSOPOPEIA OU PERSONIFICAÇÃO - 2004

Prosopopeia, também chamada “personificação”, é a figura de linguagem que consiste na atribuição de características humanas a animais ou a seres inanimados. Em **Prosopopeia**, a câmera é personificada, mostrando a “imagem subjetiva” de uma abelha ou um inseto. Na captação das imagens, foi possível testar a lente macro da câmera, na qual o registro da imagem ainda se torna nítido ainda que sob distâncias mínimas. Por personificar um inseto, a música escolhida foi **The Flight of Bumblebee**, de Rachmaninof, que descreve exatamente o voo do inseto. Portanto volta a liberdade dos planos e da movimentação para conseguir o efeito desejado.

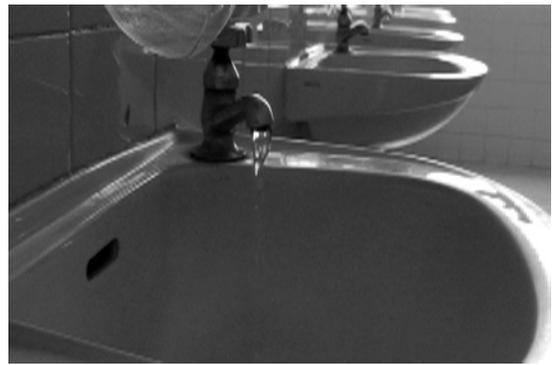


ANTÍTESE – 2005

Antítese foi realizado a partir do estudo da cor e do som na formação da antítese. Repete-se o mesmo plano-sequência com quatro minutos de duração. Na primeira vez, o azul do banheiro é vivo, e a música é suave, na segunda parte, sua antítese, a imagem é preta e branca, e a trilha sonora é densa. A antítese ocorre em relação à presença e ausência de cor e pelo contraste proporcionado pelas sensações opostas transmitidas pelas duas trilhas sonoras.

Na época esse estudo foi primordial, pois iniciávamos os testes de fotografia para o trabalho **Antonin Van Artaud Gogh**, sobre a vida do poeta e dramaturgo Antonin Artaud e do pintor Van Gogh. As cenas de Artaud são registradas em preto e branco, enquanto as cenas de Van Gogh são captadas com o máximo de cores possíveis. As imagens foram realizadas no interior do banheiro do famoso hospício de Barbacena.

O desafio proposto pelo controle das técnicas de captação digital tinha como objetivo realizar um plano-sequência que partisse de um registro naturalista e, aos poucos, fosse intensificado até a abstração completa da imagem. O conceito predominante era o de câmera subjetiva indireta livre, descrito no livro **Empirismo Herege** de Pier Paolo Pasolini.



SINESTESIA - 2005

O curta-metragem **Sinestesia** explora as possibilidades do plano-sequência iniciados na **Antífese**. **Sinestesia** mostra a cena da infância de Van Gogh, a imagem de um menino de dez anos deslizando a mão na parede, descobrindo a textura, as cores. Desse modo, integra na imagem o tato, a música e as texturas, constituindo uma relação sinestésica.



Essa série compõe um dicionário filmico de figuras de linguagem, transportadas da literatura para o cinema com objetivo de servir de base para o ensino da literatura em escolas do Ensino Médio.

POEMAS PARNASIANOS E A SÉRIE CRISÂNTEMOS - 2005

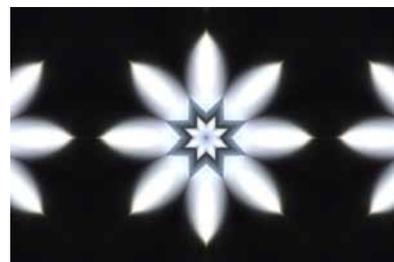
A série Crisântemos me fascinou bastante e me lembrou dos hand painted films do Brakhage. Ou seja, há sem dúvida ainda bastante a caminhar, mas é um trabalho extremamente promissor.⁵⁵⁰

Marcelo Ikeda

Os poemas parnasianos são conhecidos pela sua busca estética, pelas rimas ricas, uma defesa da arte pela arte. No Brasil, o Príncipe dos Poetas⁵⁵¹ foi o maior representante desse movimento. A origem do nome deve-se ao monte Parnaso,⁵⁵² morada das musas dedicadas a Dionísio, deus do teatro, e a Apolo, divindade da Poesia.

Devido a uma impossibilidade técnica durante a edição do **Réquiem de um Poeta**, a partir dos vitrais filmados nas cidades históricas de Tiradentes e São João Del Rey, tem início a série **Poemas Parnasianos**, composta pelos trabalhos **Estação em Flores**, **Crisântemo**, **Céu Alistrelado**, **O dia em que o diabo desceu do céu e se prostituiu em flor**, **O Selenita que sorriu tristezas**, **Fada Verde**, **Absinto em Arles** e **O poeta parnasiano que se jogou no poço**.

A beleza plástica das figuras geométricas, ao mesmo tempo em que propõe um esvaziamento de conteúdo, convida o espectador a desenvolver sua narrativa possível. As imagens, portanto, contam narrativas no subtexto de suas formas, no fluxo dos movimentos, nas sensações provocadas entre a música e a movimentação, estudo este aprofundado anteriormente na série Elevadores. Abaixo, podemos ver imagens do trabalho **Céu Alistrelado**, um estudo de métrica audiovisual da música em relação ao ritmo das imagens.



⁵⁵⁰ IKEDA, Marcelo. **Cinema de Poesia**. 2006. Disponível em: <www.cinemadepoesia.art.br> Acesso em: jun. 2009.

⁵⁵¹ Olavo Bilac, por sua elegância e estilo, é conhecido como príncipe dos poetas. Seu nome completo era Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac - um perfeito verso alexandrino -, coincidência que alguns interpretariam como predestinação para a poesia. SILVA, Fernandes. **Olavo Bilac - Biografia**. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/379637-olavo-bilac-biografia/>>. Acesso em: jun. 2009.

⁵⁵² Parnaso: montanha com 2418 metros de altura, situada na Grécia. Na Antiguidade foi consagrado a Dionísio (Baco) e a Apolo, sendo celebrado como a morada das musas.

Céu Alistrelado possui como trilha sonora o piano de Rachmaninoff e tem a duração de cinco minutos. A série foi realizada em março de 2005 e esse poema audiovisual "narra a história do universo contado pela origens das estrelas, mostrando a poética como menor parte existente na formação dos mundos que, no nascimento, se despedaçam em flores."⁵⁵³

Portanto não são apenas junções de formas geométricas produzidas ao acaso pelo computador. Procura-se uma dança a partir da edição, um balé de cores, formas e movimentos que possibilita ao espectador percorrer narrativas a partir de sensações sinestésicas. Não se trata do uso aleatório de filtros e modos de composição, mas sim de uma pesquisa de movimentação interna das imagens. Estas revelam uma métrica, uma narrativa abstrata. Assim, houve preocupação constante com o ritmo, com a dança, com a coreografia das cores, suas explosões de formas que possibilitam a abertura da obra e a construção de múltiplas narrativas.

Os poemas podem ser vistos isoladamente ou em conjunto, compondo um média-metragem de 35 minutos. Durante a mostra, realizada no Festival do Livre Olhar, em Porto Alegre, em 2005, nos foi concedido, antes da exibição, espaço para a explicação dos trabalhos, de seus conceitos e da pesquisa realizada pelo grupo Cinema de Poesia. Na exibição da série **Poemas Parnasianos**, o público aplaudiu o trabalho "em tela aberta", constituindo um importante termômetro para a aprovação pública dos **Poemas Parnasianos**.

VIDEOCENÁRIO PARA ÓPERA ELETRÔNICA RODA DA FORTUNA - 2005

André Scucato e Cristina Pinheiro possuem um olhar profundamente deslumbrado pelas possibilidades técnicas do cinema, especialmente as da edição não-linear que o vídeo possibilita. São os efeitos de cor, de textura, de corte, de sobreposição, são as possibilidades da própria câmera, o diafragma, o zoom, o foco, a portabilidade. É um trabalho muito deslumbrado com a possibilidade de fazer cinema, um trabalho com grande frescor, com grande energia.⁵⁵⁴

Marcelo Ikeda

Roda da Fortuna é uma ópera eletrônica com piano, música eletrônica e um videocenário que acompanha todo o espetáculo. Ao todo foram 14 vídeos que, somados, ultrapassam 50 minutos de duração.

⁵⁵³ CÉU alistrelado. Sinopse. Disponível em: <http://www.cinemadepoesia.art.br/filmesecurtas/el_ceualistrelado.asp>. Acesso em: abr. 2008.

⁵⁵⁴ IKEDA, Marcelo. **Cinema de Poesia**. 2006. Disponível em: <www.cinemadepoesia.art.br> Acesso em: jun. 2009.

As filmagens foram realizadas em Porto Alegre, em Belo Horizonte, em Tiradentes, no Espírito Santo e no Rio de Janeiro.

O espetáculo estreou em São Paulo no dia 7 de outubro de 2005, no teatro Alpha, sob direção de Alan Castelo. E, em 2006, na sala Baden Powell,⁵⁵⁵ com direção de Luis Arthur Nunes.

O espetáculo pretendia renovar a ópera por meio das artes e das novas tecnologias. Com participação da cantora lírica Ana Maria Rigoto e da pianista Sica Malaguti, a obra contou com os figurinos de Patrícia Muniz e direção Musical de Alexandre Elias e Flávia Costa. O videocenário foi realizado pelo grupo Cinema de Poesia.

Roda da Fortuna tem como principal proposta ampliar o alcance do canto lírico através de uma linguagem contemporânea, usufruindo livremente de todas as artes (música, cinema, dança...), buscando uma nova abordagem para a música clássica que, no Brasil, há muito está associada à ópera e à elite.⁵⁵⁶



Ao realizar os vídeos, era preciso pensar na sua utilização cênica, nos cenários, na interação entre a projeção, na música, na atuação e na iluminação no palco - um trabalho no qual se percebe uma intensa polifonia artística.



⁵⁵⁵ Dias 14, 15, 16 de julho de 2006.

⁵⁵⁶ Sala Baden Powell. Programação de julho.

Para a realização desse efeito, entre a plateia e a cantora, toda a boca de cena foi coberta por um fino pano preto, um filô vazado por centenas de furos. Esse método resultou em um aspecto estético interessante.

A projeção podia ser percebida no primeiro plano como se uma tela invisível estivesse na frente do espetáculo que ocorria no palco. Entretanto, era possível notar a projeção refletida no figurino, no cenário e no fundo do palco, conforme percebemos nas imagens abaixo.

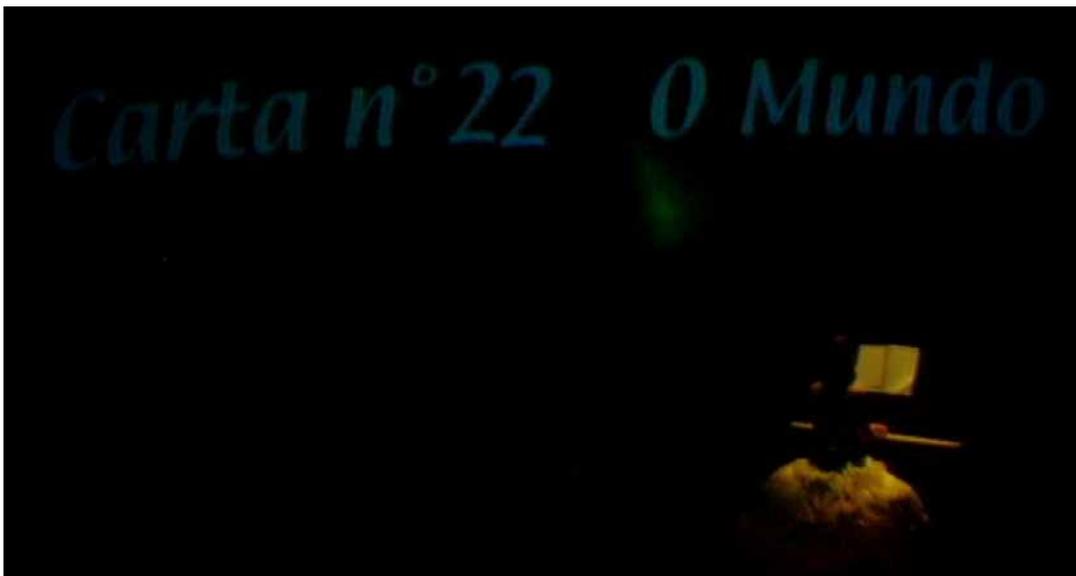


Começa o estudo da projeção entre o cinema e o palco, possibilitando novas narrativas na comunhão dessas duas artes. As fotos a seguir mostram a visão da cantora e da pianista em relação ao público, que está em lado oposto ao das imagens projetadas.



Textos também eram projetados, adicionando um outro elemento à abertura da obra para a construção narrativa pelo espectador. A matriz do texto foi escolhida pelo diretor Luís Arthur, retirada de diversos livros de poesia, compondo um diálogo entre a poesia e a cena do espetáculo. Os trabalhos foram desenvolvidos a partir das cartas do Tarot. O nome de cada trabalho se refere diretamente ao seu nome correspondente nas cartas.

Na imagem abaixo, o texto anuncia a carta de Tarot número 22, ou seja, o mundo.



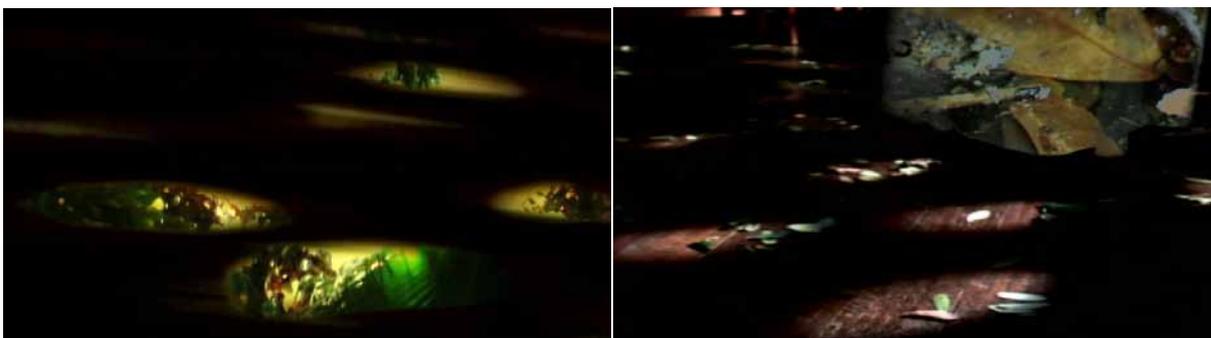
ABERTURA – UM OUTRO VERSO DO ESPAÇO VIRTUAL - 2005

Os argumentos iniciais e a direção na criação dos vídeos foram realizados em conjunto com Alan Castelo, que havia trabalhado anteriormente na construção do videocenário **The Play**. Para o início do espetáculo, a proposta era a criação de um universo, uma linguagem alienígena. O desafio era construir um vídeo com imagens geradas a partir de distorções e efeitos possibilitados pela edição digital não linear. Ao todo, 90 % das imagens nesse trabalho foram geradas por computador, recebendo o nome de **Um outro verso do Espaço Virtual**.



O MAGO - 2005

Duas atuações foram necessárias para a produção desse trabalho. A primeira, de Eduardo Strucchi, realizada no palco de um teatro, interpretando o papel de Puc na peça **Sonho de uma Noite de Verão**, de Shakespeare, produzida pela companhia de teatro Soberanos, sob a direção de Victor Vaughan. A iluminação fantástica de Giba de Oliveira, que desenhou o chão de uma floresta com focos de luz, foi a base para o trabalho estético e para a construção da narrativa.



O desafio era demonstrar o princípio básico da magia, a flutuação, conseguida a partir da pintura de um vestido. Utilizando o pano do figurino como base para a composição de um outro espaço natural, foi possível obter a sensação de flutuação.

Eduardo Strucchi interpretou o primeiro mago. Ele atuava na peça como Puc, uma espécie de divindade mágica. Aplicando os estudos de movimentação de câmera e pintura aprendidos na série Poetas, pôde-se realizar esse trabalho, colocando o personagem no centro da objetiva e pintando o segundo plano. O mesmo processo foi realizado com o segundo mago, interpretado por Cristina Pinheiro, em espaço aberto.



ENAMORADOS - 2005

O curta-metragem **Enamorados** é a união de imagens de beijos clássicas encontradas no final do filme Cinema Paradiso e trechos da peça **3,14 - A Matemática gera emoção**, de Alan Castelo. Em cena, Mariska Michialin e o manequim Anthony Py formam o casal que aparece em composição com as imagens cinematográficas. O grupo Cinema de Poesia tece, desse modo, uma homenagem ao teatro e ao cinema.



No campo sonoro, o estudo consiste em realizar uma rima entre o som e as falhas, os pequenos defeitos, como fios que aparecem na imagem, conseguindo uma sincronia.

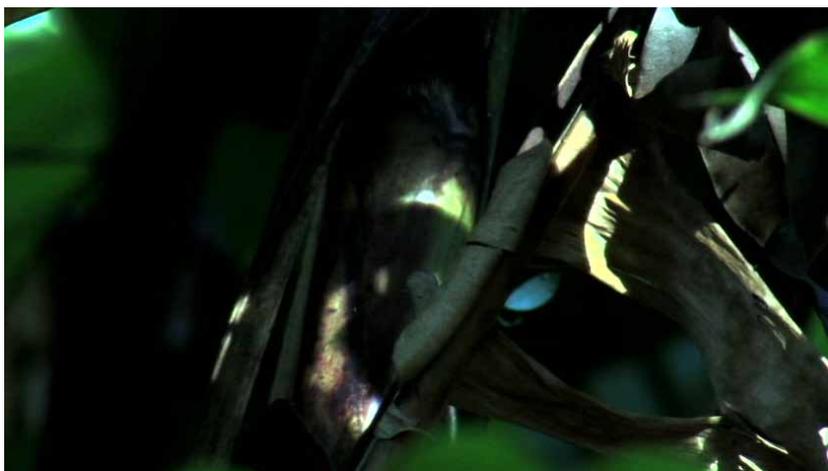
O CARRO - 2005

Trabalha-se o conceito de caminho, estrada, procura, onde os pés se movem como cavalos sobre a terra do mundo, do urbano, da floresta. Andar sempre. O caminhar como a única razão para locomover essa máquina de ossos, carnes e sentidos chamada homem. Para ilustrar imagetivamente o trabalho, imagens de pés, andares e corridas foram registradas. O vestido utilizado no mago foi captado durante a gravação dessas cenas.



O EREMITA - 2005

O eremita, antes de tudo, representa a solidão, o homem, a natureza entregue à reflexão e ao pensamento. A imagem inicial colhida na natureza é a imagem do próprio ermitão, possível pela incidência dos raios de sol refletidos em folhas e no tronco de uma árvore. Desse modo, ilustra-se a afirmação do poeta Antonin Artaud, em que a poesia vem antes da objetiva.



O olhar poético alcançado pelo domínio técnico da ótica da câmera possibilita a personificação da imagem. A partir de elementos da natureza, cria-se vida, imagens, personagens, eremitas. Parte-se em busca de uma imagem-tinta a partir da solidão encontrada naturalmente, como o leve balançar de uma folha que se transforma em uma pintura em movimento.



A FORÇA - 2005

A pintura a partir do cinema e do teatro era o objetivo pretendido. De todos os trabalhos da série, este é o de maior dificuldade técnica, sendo necessária a utilização de três *softwares* de tratamento de imagem para conseguir as texturas necessárias. Após 230 horas de trabalho e estudos, foi possível atingir a textura próxima à pintura desejada. Como base, foram gravadas imagens no teatro, onde Alan Castelo representa a figura do Homem Universal

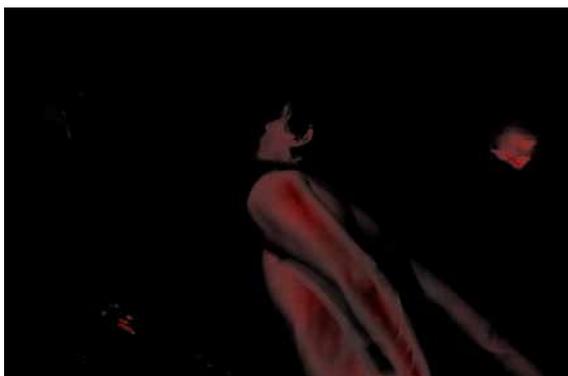


Além das imagens captadas no palco, foram utilizados trechos de filmes em que aparecem cenas de touradas. É um trabalho artesanal, realizado quadro a quadro sobre as imagens, aproximando sua textura da pintura.



A MORTE DO ENFORCADO - 2005

Aqui se mostra a pele do ator como tela para o quadro. Estuda-se a luz e a fotografia para que, na edição, as possibilidades possam ser potencializadas. A pintura como maquiagem da cena, do figurino, dos gestos, da ação, passa a ser utilizada como recurso dramático.



A TORRE - 2005

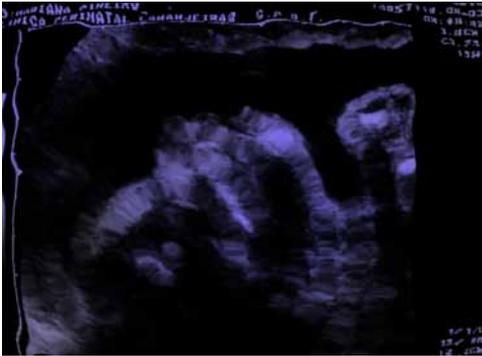
Na simbologia do Tarot, a carta Torre significa destruição, quebra e desestruturação. Grandes construções e prédios no centro da cidade do Rio de Janeiro foram registrados para compor a base de imagens deste filme.

Partindo das estruturas de edifícios de grandes centros urbanos, compostas por cenas bélicas, o trabalho possui uma aceleração forte, até as estruturas serem consumidas pelas chamas. A pintura agora entra na imagem interna dos edifícios.



ESTRELA - 2005

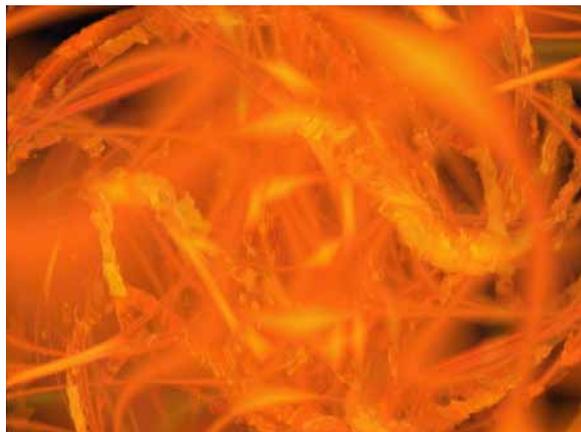
A esperança germinada no nascer de uma criança, um novo universo após a destruição. Imagens de ultrassom e da ingenuidade infantil, compondo o nascimento de uma estrela, interpretada por Giovanna Labella.



O SOL - 2005

Para realização desse curta-metragem, foram associadas várias imagens relacionadas a altas temperaturas, como o deserto e o sol. Com a função de compor um cenário, o maior desafio foi a realização de uma explosão de calor na construção de um sol composto de tinta.

Para a realização dos efeitos no final do filme, foram utilizadas 99 camadas de imagens. Para calcular 10 segundos de efeito foram necessários cinco dias de processamento do computador.



A LUA - 2005

A **Lua** foi o primeiro trabalho a ser realizado da série **Roda da Fortuna**. O objetivo e o desafio eram, a partir de outros elementos encontrados nos centros urbanos, criar uma lua. Para a realização desse trabalho foram utilizadas imagens de uma luminária, registradas na cidade de Porto Alegre.



CINEMA DE POESIA SÉRIE AMBIENTAL 2004 - 2009

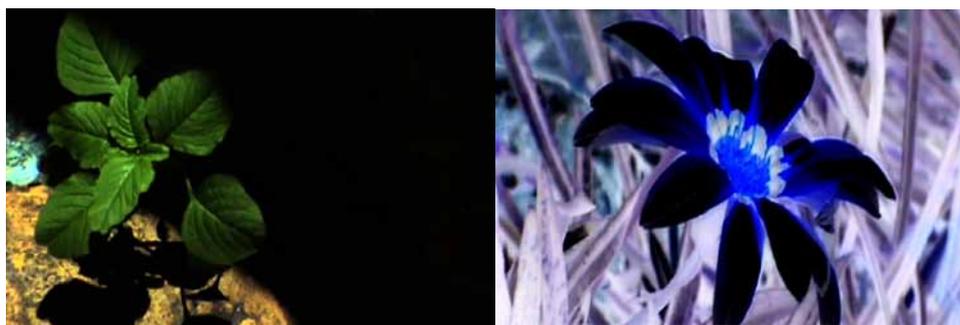
A preocupação com a natureza e a realização de trabalhos com o objetivo de despertar uma conscientização ambiental estão presentes desde a criação do grupo Cinema de Poesia. Realizado em 2004, **Teoria** é um alerta contra a destruição do planeta, a corrupção de valores, a poluição. É um grito partido da liberdade natural em busca do equilíbrio na Terra.



O curta-metragem **Teoria** realiza um estudo sobre as composições de imagens naturais e suas relações em três ou mais camadas, tanto no nível imagético quanto no sonoro. A trilha foi criada a partir deste conceito: composição a partir de sons naturais, vozes, som

ambiente e piano, sendo a primeira trilha criada pelo Cinema de Poesia. Em 2006 o trabalho foi selecionado para o 5º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, realizado na cidade de São Paulo, evento que colocou em foco a questão ambiental a partir da perspectiva humana do planeta.⁵⁵⁷

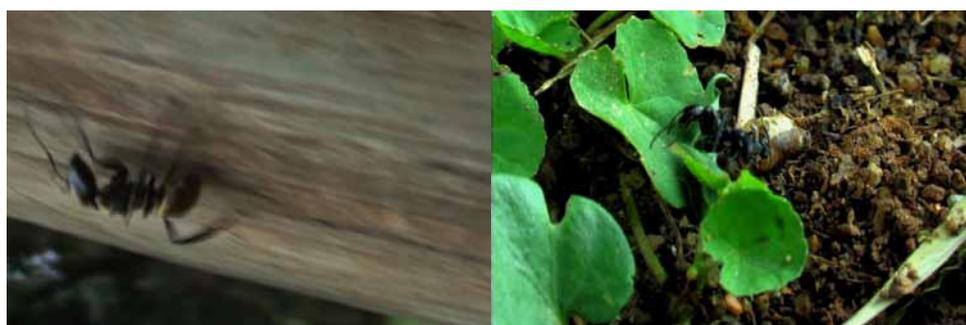
Em julho de 2004, foi realizado o curta-metragem **Violeta Azul**, liberdade em tristes tons de uma natural flor. Com a música de Chopin ao fundo, foi um modo poético de retratar os detalhes naturais perdidos no cimento da cidade grande.



No trabalho realizado no Espírito Santo, **Flores do Espírito**, feito em julho de 2004, é retratada a natureza que convive com o urbano de forma harmoniosa.



No ano de 2006, com o objetivo de estudar o som, a rima audiovisual entre diversos ritmos e a natureza, surgiu **Compassos Formigáveis**, documentário poético do cotidiano das formigas. As filmagens foram realizadas em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, e o curta-metragem conquistou o Prêmio de Júri Popular no Festival de Vídeo Ambiental Monvia.



⁵⁵⁷Informações sobre o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental disponível em: <<http://www.ecocine.com.br/site.htm>>. Acesso em: jun. 2009.

No ano de 2009, durante o mês de janeiro, foram realizadas as imagens do curta-metragem **Elegia à Vida**, mostrando um verdadeiro paraíso ecológico localizado há menos de duas horas da cidade do Rio de Janeiro.



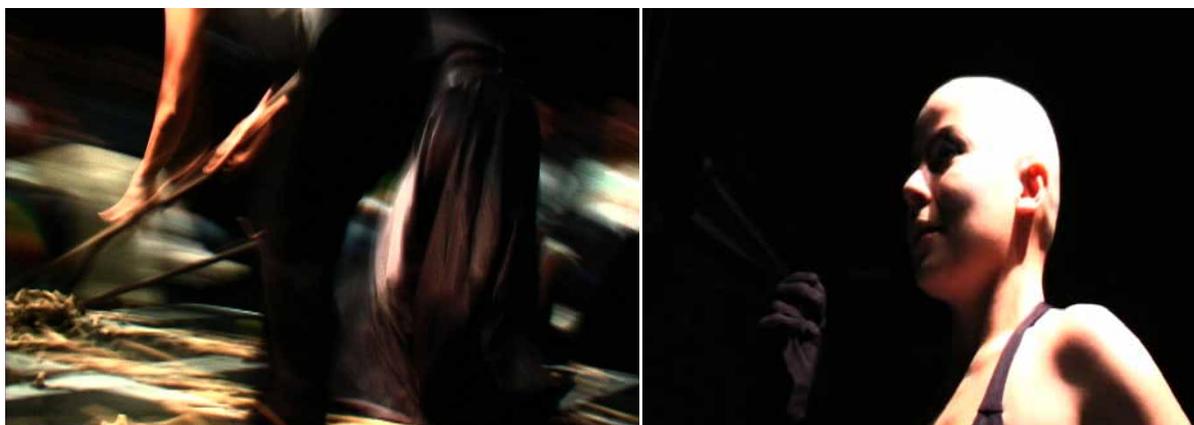
A trilha sonora, composta por João Gabriel, estabelece uma narrativa natural e poética sobre as imagens em movimento regidas pelo som.

Os três documentários realizados são caracterizados pelo estudo da rima, da sincronia do som com a imagem, com a finalidade de potencializar o efeito estético percebido pelo espectador. Há uma investigação dos atores e da câmera em relação à trilha sonora no documentário poético **Je suis Jean Cocteau**, na sincronia dos passos do inseto no documentário ambiental **Compassos Formigáveis** e no trabalho **Elegia à Vida**, onde as asas e a música se unem em prol do despertar da consciência.



Femina Cristais - 2006

Esse trabalho marca uma evolução do estudo teatral na pesquisa do grupo Cinema de Poesia. Anteriormente, trabalhos como **O Mago, A Força**, dentre outros, possuíam cenas filmadas no espaço cênico associadas a outras imagens externas. No curta-metragem **Femina Cristais**, todas as imagens foram captadas da peça **3,14 - A Matemática gera emoção**, do dramaturgo Alan Castelo. O desafio era realizar um trabalho audiovisual independente, mas que mantivesse a mesma essência do espetáculo.



Devido ao palco estar cercado em três lados pela plateia, a fotografia foi fundamental, ora isolando as personagens sobre o negro, ora pintando o plano de fundo enquanto a objetiva focava nos personagens. Desse modo, quase não se percebiam elementos externos ou referências ao público no curta-metragem. A música eletrônica da peça foi criada por Alexandre Elias, e o piano que compõe a segunda parte do trabalho é a composição chamada **Florabela Espanca**. Na montagem foram explorados a relação entre a música e o gesto do ator, compondo rimas entre a movimentação e o som.

Na série **Roda da Fortuna**, foram empregados os conhecimentos adquiridos pela prática e reflexão teórica em trabalhos anteriores. Por meio da cronologia dos curtas, é possível perceber a evolução da pesquisa e do pensamento da estrutura audiovisual. Esse novo olhar parte da arte para ultrapassar a fronteira e fazer-se teoria, como bem escrevem os pensadores pós-modernos. Esse curta ganhou o prêmio de melhor edição no Festival Guacuano de Vídeo, em São Paulo, em 2005.

Je suis Jean Cocteau - 2005

A ideia do trabalho ocorreu durante a entrevista concedida ao programa Arte com Sérgio Britto, da TVE. Percebendo a profunda ligação e referência do trabalho do grupo Cinema de Poesia a Jean Cocteau, ele propôs que fizéssemos uma obra sobre o poeta para ser apresentada em seu programa. Deu-se início então a produção do documentário poético **Je suis Jean Cocteau**.



A proposta era escapar do modelo tradicional e narrativo da linguagem documental. No documentário, o próprio Jean Cocteau é o motivo, o personagem e o andarilho de sua obra. Ele atuou em diversos filmes que realizou como diretor. O objetivo era criar um documentário no qual o poeta apresentasse sua obra. Por meio do conhecimento de sua arte, o público poderia conhecer um pouco mais sobre esse poeta, que foi pioneiro ao utilizar a polifonia artística no seu processo de composição no cinema.



O filme também trabalhou com o conceito de rima, que, na poesia pode ser alcançada por meio da grafia da palavra em relação a sua estrutura sonora. Foi necessário estudar a movimentação (principalmente dos atores) do filme de Cocteau. A partir desse estudo de movimentação, foi composta a trilha sonora do filme, a quatro mãos, guia de toda a métrica audiovisual.

Durante o processo de montagem, foi percebido que a rima poderia ser efetuada não só em relação ao movimento e aos gestos dos atores em cena. Poderia ser utilizada na mudança de um plano para outro, na movimentação da câmera, ou aplicada em qualquer movimento expressado no interior da imagem. A rima é um trabalho sobretudo sinestésico, em que se conjugam a imagem e o som de acordo com a equivalência da movimentação existente nos dois sentidos: visão e audição. Esse é o conceito de rima desenvolvido e aplicado no trabalho, no qual, a propósito, o estudo das rimas foi realizado com imagens cinematográficas. No curta-metragem **Abismo da Alma**, o estudo da rima continuou, tendo como base as imagens captadas no teatro.

ABISMO DA ALMA – 2006

Abismo da Alma retrata os nove anos em que o poeta e dramaturgo francês Antonin Artaud viveu em hospícios. Acredita-se que, nesse período, tenha passado por mais de cinquenta sessões de eletrochoque. Para não perder a lucidez, Artaud escreveu uma intensa produção de cartas durante sua passagem no Hospício de Rodez, contrariando os laudos dos psicólogos e psiquiatras, entre eles, Lacan.⁵⁵⁸ Rômulo Pacheco é Antonin Artaud, e Renato Carrera e Vitor Fraga interpretam enfermeiros.



⁵⁵⁸ Lacan disse que Artaud viveria até os 80 anos sem nunca mais escrever uma palavra. Em 1946, quando saiu do hospício, até sua morte, em 1948, escreveu entre outros: **Artaud, O Momo, Van Gogh, o suicidado da sociedade, Para acabar com o julgamento de Deus.**

O curta-metragem **Abismo da Alma** tem duração de 13 minutos. Sobre o trabalho musical do cineasta e crítico Luiz Rosemberg Filho, ressalta-se o trabalho do músico João Gabriel Herculano, pois “trabalha-se genialmente o som-música de João Gabriel, como metáfora poética do horror. O medo torna-se a primeira agressão a ser exposta. Cria-se o desconforto diante das imagens”.⁵⁵⁹ Nesse trabalho estão as composições **Passos de Artaud**, **Improviso ao Piano** e **Jenny Love**. A peça tem imagens realizadas no Hospício de Barbacena e dentro de um teatro.



O trabalho conta com a participação de Buza Ferraz e João Bosco como atores. O desenho de luz, de Giba Oliveira, foi responsável pela qualidade estética das imagens, que tece fortes referências ao movimento expressionista. As sombras e a forte máscara obtida na interpretação de Vitor Fraga demonstram as características do movimento expressionista.



O curta-metragem foi exibido na Bósnia Herzegovina, na Hungria, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Colômbia, no Peru, conquistou o prêmio de Melhor Fotografia no 2º Festival Nacional de vídeos de Colatina, em 2006, e melhor vídeo de arte na categoria Júri Popular no Festival Guaçuano, em 2007.

⁵⁵⁹ ROSEMBERG, Luiz. **Os Abismos de Artaud**. Disponível em: <<http://www.cinemadepoesia.art.br/poesia/abismodaalmarosemberg.asp>>. Acesso em: mar. 2009.

O trabalho foi finalista do prêmio Itamaraty para o Cinema Brasileiro, onde foram selecionados dez trabalhos para representar a produção nacional durante o VII Festival Internacional de Brasília. O crítico de cinema e cineasta Luiz Rosemberg Filho escreve sobre o trabalho:

Talvez o "**ABISMO DA ALMA**" seja o mais ousado e criativo curta-experimental-poético dos últimos anos. Sem espetáculo, sem gritos, sem lágrimas... Artaud resiste à doença do mundo. Sua compreensão do processo criativo o fez resistir. Enfim, uma terna idéia de ser e resistir além dos discursos políticos e partidários. Poesia? Sim. Mas uma poesia diferente do nosso cineminha televisivo comum e medíocre. Cristina e André enchem-no de satisfação ao nos possibilitar sair com Artaud do hospício de Rodez. O hospício em que foi transformado o nosso tempo. Será que teremos para nós uma saída humana e criativa?⁵⁶⁰

As músicas e as imagens do curta-metragem **Abismo da Alma** foram realizadas para o longa-metragem **Antonin Van Artaud Gogh**, sobre a vida de Artaud e de Van Gogh. A maquiagem e o cabelo são assinados por Marcelo Labella.



⁵⁶⁰ ROSEMBERG, Luiz Filho. **Abismo da alma**, 2006. Disponível em: <www.cinemadepoesia.art.br>. Acesso em: junho de 2009.

ANTONIN VAN ARTAUD GOGH – LONGA METRAGEM

O pintor holandês Van Gogh e o poeta e dramaturgo francês Antonin Artaud tiveram uma história partilhada de coincidências. Ambos foram artistas que revolucionaram a prática de sua arte, foram internados em sanatórios, julgados como loucos, postos à margem da sociedade. Outro fato que os liga é o livro **Van Gogh, o suicidado da Sociedade**, escrito por Artaud após uma visita à exposição dos quadros do pintor holandês. A partir da união encontrada nesse livro, surge o projeto **Antonin Van Artaud Gogh**. Inicialmente projetado para ser um curta-metragem, o projeto se transformou em longa-metragem durante os primeiros dias de filmagem. A duração do trabalho aumentou durante o processo de pesquisa, que revelou diversas coincidências entre os dois biografados. Do mesmo modo como Artaud realizou uma biografia de sua vida de forma subjetiva no livro, o grupo Cinema de Poesia quer colocar em debate a dificuldade da produção artística e sua condenação pelo pseudossaber da psicologia.



Van Gogh nada tinha de louco, apesar de algumas crises passageiras, normais em função da vida de sacrifícios que levava. Tornando-se pastor nos miseráveis campos de Borinage, doando a roupa do corpo, o pintor possuía uma lucidez extrema e um senso de humanidade rara. Na correspondência com o irmão Théo, podemos encontrar seu interesse pela literatura e as frequentes associações entre a arte da literatura e a pintura. “Agora, se você pode perdoar um homem que se aprofunda nos quadros, admita também que o amor aos livros é tão sagrado quanto o amor a Rembrandt, e inclusive acredito que os dois se completam.”⁵⁶¹ Comparando o ofício do escritor ao do pintor, escreve:

Meus Deus, como é belo Shakespeare. Quem é misterioso como ele? Sua palavra e sua maneira de fazer equivalem a um pincel fremente de febre e emoção. Mas é preciso aprender a ler, como é preciso aprender a ver e aprender a viver.⁵⁶²

⁵⁶¹ GOGH, Vincent Van. **Cartas a Théo**. Trad. Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM, 1997, p. 27.

⁵⁶² Ibid., p. 27.

É pela experiência que se estimula os sentidos. Incompreendido, o pintor queria apenas ser útil ao mundo. No entanto, a paixão pela literatura era tão intensa que não conseguia realizar outra atividade na vida.



Van Gogh escrevia constantemente e se preocupava com o peso que proporcionava ao irmão, que sempre o auxiliou. Uma passagem filosófica sobre o vagabundo é encontrada na correspondência trocada com o irmão:

Além deste há um outro vagabundo, o vagabundo que é bom apesar de si, que intimamente é atormentado por um grande desejo de ação, que nada faz porque está impossibilitado de fazê-lo, porque está como que preso por alguma coisa, porque não tem o que lhe é necessário para ser produtivo, porque a fatalidade das circunstâncias o reduz a este ponto, um vagabundo assim nem sempre sabe por si próprio o que poderia fazer, mas, por instinto, sente: “no entanto eu sirvo para algo, sinto em mim uma razão de ser, sei que poderia ser um homem completamente diferente. No que eu poderia ser útil, para o que poderia eu servir; existe algo dentro de mim, o que será então? Este é um vagabundo completamente diferente; você pode, se achar justo, tomar-me por um destes.”⁵⁶³

O Poeta e Dramaturgo Antonin Artaud revolucionou o teatro com suas teorias do corpo sem órgãos e do teatro da crueldade, influenciando artistas e pensadores. Preso injustamente no hospício, recebeu tratamento de eletrochoque. Foi analisado pelo psiquiatra Lacan, que concluiu que Artaud viveria até os 80 anos e não escreveria uma linha sequer.



⁵⁶³ Ibid. p. 32.

Artaud escreveu, durante sua estadia no hospício, 11 volumes de cartas, desenhos, frases e textos esparsos. Ao sair do hospício, visitou uma exposição sobre Van Gogh. Escreveu e produziu a transmissão radiofônica **Para Acabar com o Julgamento de Deus**, um escândalo na época.

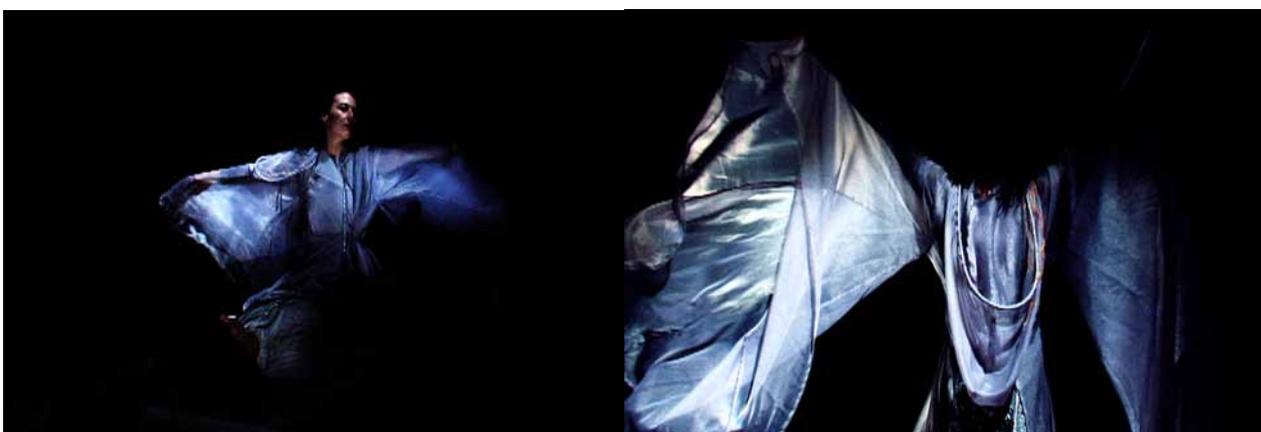
O artista Giba de Oliveira, responsável pela direção de luz e fotografia do longa-metragem, é peça fundamental para o alcance de uma qualidade de expressão utilizando a luz como elemento de linguagem. Presente nas gravações realizadas entre 22h e 5h durante a semana, única faixa de horário disponível para toda a equipe, realizou um trabalho precioso, auxiliando também na construção do filme.

Aproveitando a iluminação da peça de teatro em cartaz no Casarão Soberanos, pôde-se realizar testes com a iluminação. Na cena da infância de Artaud, onde as sombras se apresentam como monstros da imaginação, a luz e seu movimento personificaram a escuridão, concedendo vida ao medo manifestado. Em outra cena, uma antítese alcançada pela luz. Iluminando Rômulo Pacheco, que interpreta Artaud na fase jovem, com toda a fonte luminosa disponível, fechando o máximo possível a íris para a captação apenas do que a luz refletia, ocorre um quadro metonímico, no qual o rosto se sobressalta do segundo plano.



A direção musical do filme é do músico João Gabriel Herculano, que participou de encontros semanais durante o processo de criação das cenas, contribuindo junto a Rômulo Pacheco para a composição de todos os sentidos da sequência. Depois de montado o set de filmagem, a música da trilha da cena a ser gravada é repetida infinitamente, auxiliando na construção cênica e na interpretação dos personagens no filme. A música participa, portanto, da etapa de criação do roteiro, da interpretação cênica, da captação das imagens e da edição.

O figurino do Anjo, desenhado pela figurinista Patrícia Muniz, aliado à iluminação de Giba de Oliveira e à interpretação de Cristina e Rômulo, com a inventividade de Alan Castelo e a força de Vitor Fraga e Renato Carrera realizaram com muito engenho uma das mais belas sequências do trabalho. Para realizar o voo do anjo-demônio que desce até Artaud durante sua fase no hospício, a atriz foi colocada sobre um platô de madeira e levantada por quatro atores. Dois ventiladores eram operados do solo. A câmera na mão tinha de ser precisa o suficiente para realizar o plano sem enquadrar toda a operação em volta, que não poderia ser repetida mais que duas vezes. A concepção dessa pequena operação foi proposta por Alan Castelo.



A antítese do personagem anjo-demônio é transmitida pela maquiagem. A metade do rosto e dos fios de cabelo está em uma tonalidade púrpura, enquanto a outra face está em um laranja incandescente. A maquiagem foi realizada pelo artista maquiador Marcelo Labella.



As figuras de linguagem também influenciaram o pensamento fotográfico. Na caminhada, seja através da representação dos passos em uma tela de sombras deitada ao chão seja da pintura do movimento do rosto focado em relação à natureza em segundo plano, o autor e seu estilo eram citados pelo movimento de câmera e efeito estético da fotografia.



Enquanto as cenas de Artaud possuem a fotografia em preto e branco, as do pintor possuem uma paleta de cores. Todo o filme é intercalado com a história desses dois artistas nessa estética formada pela antítese. Artaud, em sua fase de idade mais avançada, é interpretado por João Bosco, e o pintor, por Fernando Campos. O longa já possui todas as músicas compostas e gravadas, além de 70 horas de imagens. Metade das cenas do roteiro foram rodadas.



O contato com o pintor mineiro possibilitou um encontro de linguagens que utilizam a polifonia artística como base de criação. Em 1990 Fernando Campos participou de uma mostra coletiva, “Olhar Van Gogh”, realizada em Muriaé, e de uma mostra individual, “Van Gogh em mim”, exposta em Muriaé, Viçosa e Juiz de Fora. Portanto torna-se ideal para o papel.

A FLOR DA TELA E A POLIFONIA ARTÍSTICA DE FERNANDO CAMPOS

Para mim, a tela é o palco onde se encenam espetáculos. Com personagens de vários pintores, crio esquetes teatrais, cenas de filme.⁵⁶⁴

Fernando Campos

Existem artistas em que não há separação entre a necessidade se expressar pictoricamente, pensar e viver. É o caso do pintor Fernando Campos. Sua primeira participação com o grupo Cinema de Poesia foi um convite para interpretar o pintor Van Gogh em um curta-metragem. Além de forte semelhança física, sua obra e vida estão ligadas a várias coincidências que o unem ao pintor holandês. No entanto, ao conhecer o processo de criação e a sólida trajetória artística de Fernando Campos, pode-se perceber uma obra repleta de polifonia, com referências a diversas artes. Ele realiza na pintura a mesma pesquisa que o grupo Cinema de Poesia realiza através das lentes cinematográficas, ou seja, a polifonia artística.

Desse encontro de linguagens entre o cinema e a pintura meta-artística, surge o delicado trabalho **A Flor da Tela** que, indo além de uma ilustração da obra do pintor, procura demonstrar seu processo de criação e o conceito de sua arte. Portanto, antes de entrarmos na discussão do trabalho audiovisual, é necessário conhecer como a polifonia se manifesta intensamente em sua trajetória.

Fernando Campos frequentou o curso de pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal Rio de Janeiro entre os anos de 1982 e 1985. Em 1984 realizou sua primeira mostra individual na Câmara Municipal de Muriaé. Nesse ano também participou da Mostra Coletiva TELEARTE, no Salão de Artes da TELERJ.

Após diversas mostras, realizou, em 1988, a exposição individual “International Bazaar”, no Empire State Plaza, “Things of Beauty”, na Art Gallery, e uma mostra coletiva no Art Institute, todas na cidade de Nova York. No ano seguinte, participou de uma mostra coletiva na Flórida, Estados Unidos. Em 1990, realizou a exposição individual Van Gogh em mim, em Viçosa, e participou da coletiva Olhar Van Gogh, em Muriaé.

Fernando Campos dialoga com a obra e a estética do pintor holandês. Sua obra tem referências e citações à obra de Van Gogh. Dialoga também com autores de diferentes épocas, como Ensor, Egon Schiele, Toulouse Lautrec, Frida Khalo e Gustave Klint.

Lautrec, Rembrandt, Vermeer, Klint ou Manet coabitam espaços e possibilitam uma nova leitura de temas clássicos, como o nascimento da Vênus ou apenas um desenlace amoroso. Os personagens, extraídos de um romance, de um filme ou mesmo de um outro quadro, se tornam atores de um novo show, onde a tela se transforma em palco,

⁵⁶⁴ SEBASTIÃO, Walter. **Experimentações visuais**. Estado de Minas, 10 de abril de 2007.

para que o pintor possa apresentar seu próprio repertório e, por extensão, espetáculo.⁵⁶⁵

Podemos perceber esse processo analisando o quadro abaixo, de Klint, chamado **O Beijo Roubado**, mesmo nome da segunda obra realizada por Fernando Campos. Percebe-se, pelo figurino, a citação aos girassóis de Van Gogh e na ação dos personagens, na atuação, a citação à obra de Klint. Percebe-se forte diálogo entre pintores.



Fernando Campos realiza, em toda sua trajetória, um intenso diálogo com a história da arte e, principalmente, com a pintura. A obra acima pertence à sua mostra Petit, uma releitura das obras de Frida Khalo e Van Gogh, apresentada nas cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Klint e Van Gogh são dois artistas essenciais para o diálogo intertextual praticado por Fernando na pintura.

Outro exemplo desse diálogo pode ser visualizado abaixo. O primeiro é um autorretrato de Ensor, com suas famosas máscaras, o terceiro é um dos girassóis de Van Gogh e o quadro do meio é a tela **Sobre as máscaras de Ensor : Girassóis para Vincent**, de Fernando Campos.

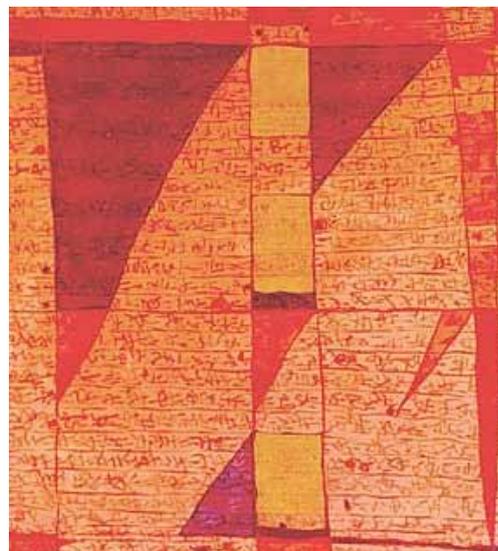
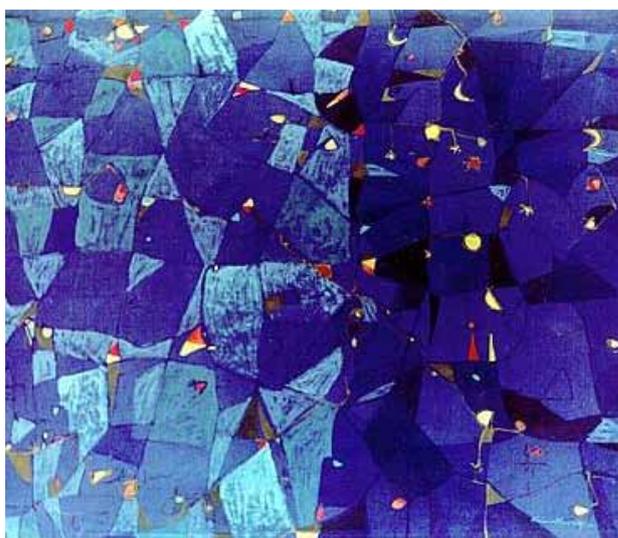
⁵⁶⁵ MOTTA, Morgan. É jornalista e crítico de arte, membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da Associação Internacional de Críticos de Arte (ABCA-AICA). Disponível em: <http://www.morganmotta.com/artigos/09042007_1.htm> Acesso em: jun. 2009.



É interessante o modo fragmentado como se tece a polifonia, ora pelo figurino, ora pelo ambiente, por objetos de cena ou pela ação dos atores em seu quadro. No beijo dos personagens, encontramos a citação do trabalho **Beijo Roubado**, de Klint, que inclusive é o mesmo nome da obra de Fernando, que aparece na tela abaixo. Ou seria o próprio Van Gogh? No lado externo, percebe-se a **Noite Estrelada**, quadro do pintor holandês, famoso por suas pinceladas fortes. Podemos dizer então que os personagens klintianos habitam o mundo da noite estrelada. Pela polifonia alcança-se maior expressividade poética, o que permite várias possibilidades de leitura, uma disnarrativa, auxiliando a abertura da obra.



A poesia esteve presente em sua pesquisa durante os anos de 1992 e 1993, quando realizou duas séries: Em Busca da Poesia I e II. Estudando a obra de José Saramago, compôs **Segundo Saramago**, partindo da obra literária para a criação dos seus quadros. Os trabalhos **As vontades de Blimunda** e **Caligrafia e Pintura** são exemplos dessa fase.



Em 1995, a pesquisa de Fernando Campos parte da junção das instalações, do figurino, do mundo religioso e fantástico criado por Arthur Bispo do Rosário,⁵⁶⁶ em um sincretismo religioso na figura de Nossa Senhora do Rosário. Observando o processo de construção do Bispo do Rosário de um mundo particular pela arte, Fernando utiliza esse processo de criação e das referências de pintura sobre a Nossa Senhora para a criação da série **Margarida Rosa**.

⁵⁶⁶ **Arthur Bispo do Rosário** não considerava arte aquilo que fazia até mesmo quando suas obras ficaram famosas e ganharam notoriedade em todo o mundo. Bispo se considerava o próprio Messias. Em seus delírios, ele era Deus, e desde o dia em que dizia ter recebido a visita de 22 anjos anunciando a sua missão na terra, estava obstinado a trabalhar intensamente na representação de seu mundo. O interno transformaria sua cama em uma Cama-nave e construiria um Manto da Apresentação necessário para o dia em que fosse encontrar-se com Deus. MORAES, Everardo. **Bispo do Rosário, um artista desconhecido da sociedade**. 31 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/arte-para-encontrar-com-deus-por-falar-em-doido-1>>. Acesso em: mar. 2009.

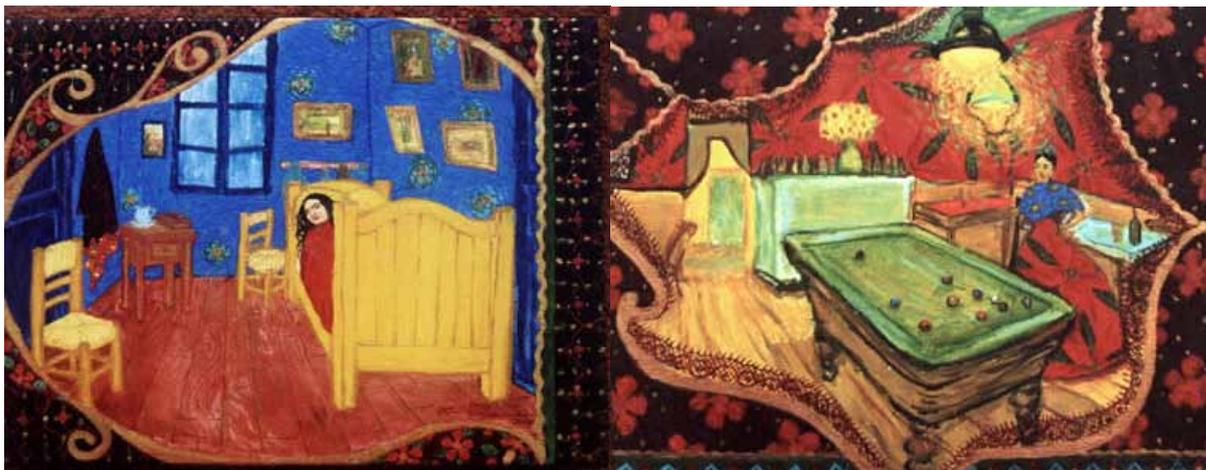


Em 2001 a pesquisa parte da música em direção à tela. Surge a série **Trilhas Sonoras**, na qual quadros são criados a partir de músicas. Dessa fase podemos citar os quadros **The Shadow of your Smile** e **Dancing in the Dark**.



A partir das artes, Fernando Campos realiza uma cartografia de sentidos, sensações, baseada na sensibilidade de descobertas no olhar de cada quadro. Há uma linha de pesquisa que ordena toda a sua criação nos mínimos detalhes. Na série **Trilhas sonoras**, percebemos, ao fundo, o papel de diversas cartas, letras, poemas, repleto também de força teatral, cênica.

Com a evolução da pesquisa, em pouco tempo os pintores passam a atuar em seus quadros. No mundo de Van Gogh, seja em sua cama no quarto seja no bilhar em Arles, observamos a pintora Frida Khalo. A própria pintura do holandês é transformada em cenário, enquanto Frida Khalo descansa sobre a cama. Cena esta comum na biografia da pintora, que sofreu um grave acidente e passou muito tempo sobre o leito, motivo que a levou a se dedicar à pintura.



Devido à força cênica presente nos quadros do artista plástico, os próprios pintores são atores, contando a narrativa de seus quadros ou de suas vidas.

A série **Petit**⁵⁶⁷ ilustra perfeitamente essa situação. As personagens da história da arte interpretam possíveis narrativas em seus quadros. Fernando retira elementos do cinema, da música, da literatura, da dança, da escultura e do teatro, potencializando a expressividade poética de sua obra.

Na exposição **Senza Fine**, realizada no sobrado Ramalho, em Tiradentes, apresentou releituras de Rodin e Klint, em janeiro de 2005. Em agosto de 2006, voltou ao sobrado com a exposição “História da Arte”,⁵⁶⁸ dialogando com escultores, poeta, pintores e músicos. O quadro abaixo, Stardust, teve origem no processo de criação da música **Stardust**, além de tecer uma referência ao filme **Moulin Rouge**. Abaixo, o cartaz do filme e a tela do pintor:

⁵⁶⁷ Série criada por Fernando Campos que apresenta uma releitura das obras de Frida Khao, apresentada em 2003 no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte.

⁵⁶⁸ Veja as fotos de alguns quadros expostos nessa série em: <<http://www.acasamg.com.br/fernando.html>>. Acesso em: jun. 2009.



O trabalho do pintor Fernando Campos possui uma forte identificação com a pesquisa proposta pelo grupo Cinema de Poesia. Assim, para a compreensão do trabalho **A Flor da Tela**, foi necessário demonstrar a prática polifônica do pintor. Desse modo a pintura de Fernando Campos é um palco onde diversas artes se encontram, próxima à noção do grupo do Cinema de Poesia, em que o cinema transforma a tela em um palco, reunindo todas as artes.

As sobreposições de camadas no curta-metragem **A Flor da Tela** ilustram o forte conceito de polifonia desenvolvido pelo Pintor, o seu processo de criação e sua estética. Retoma-se o mesmo processo iniciado em **Três tons sobre o poema de um pintor**, cujo objetivo era transpor para a tela do cinema não só a obra, mas o conceito da arte desenvolvido pelo artista representado. Vamos entender como foi realizado o transplante do conceito de arte do pintor para a linguagem audiovisual.

A primeira sequência do curta-metragem **A Flor da Tela** apresenta o Ateliê do artista. Um plano-sequência de 52 segundos mostra o ambiente onde os quadros são produzidos. Percebem-se a caligrafia da câmera e sua movimentação de dança mostrando as paredes pintadas, o cavalete, as tintas preparadas para o ofício de criar imagens.



Após essa abertura, mostra-se o artista em seu ambiente de estudo. O dialogismo é tecido a partir de um livro de fotografias do escultor Rodin, forte referência artística em seu trabalho.



Da mesma forma que Fernando utiliza imagens de outros pintores para o seu trabalho, o curta-metragem **A Flor da Tela** utiliza as imagens criadas dos quadros de Fernando. Os personagens em sua pintura são animados pela imagem em movimento. Uma homenagem ao cinema em sua obra é interpretada pelo ator e poeta Rômulo Pacheco. Vemos parte da tela Stardust projetada, tecendo, com a luz do projetor, uma citação ao filme **Moulin Rouge**, inspiração imagética para o quadro de Fernando e para o quadro cinematográfico.



Fernando Campos atua no curta-metragem. Se, em sua obra, ele personifica os pintores e os coloca em sua tela, nada mais justo do que colocar Fernando Campos, um pintor também, dentro da tela do curta **A Flor da Tela**. Geralmente suas pinturas possuem uma divisão. Dentro do palco de tinta criado por ele, contracenam com sua própria obra. Ao final, depois de conhecer o ateliê de criação, o método de estudo, as relações entre artes e pintura, o trabalho encerra com o ato da pintura do artista.



O filme **A Flor da Tela** fez sua estreia durante uma de suas exposições. O trabalho foi projetado para o público presente. No ambiente de exposição de suas telas, são unidos o cinema e a pintura. A exposição realizada no sobrado Ramalho, em Tiradentes, no ano de 2006, serviu de locação para o trabalho **Réquiem de uma musa**, que partiu de uma ideia de Fernando Campos a partir de uma poesia composta pelo mesmo.

RÉQUIEM DE UMA MUSA, UMA CARTOGRAFIA DE PROCESSOS ARTÍSTICOS

Ora, enquanto se sonha a vida corre sem concessão alguma. Findo os sonhos sofre-se profundas transformações. O inferno-político torna-se próximo e destruidor. A poesia do pintor Fernando Campos nasce entre a substância enraizada da dor e o esfacelamento do mundo moderno representado pela impossibilidade de se libertar da escravidão. É o máximo onde se pode chegar é na palavra representada com o auxílio precioso de um figurino quase cenográfico de Patrícia Muniz. Figurino-prisão. Figurino-teia. Figurino sem concessão alguma. O olhar poético sobre a tirania da burocracia torna-se um monólogo furioso de grande efeito cênico.⁵⁶⁹

Luiz Rosenberg Filho

Réquiem de uma Musa é o primeiro curta-metragem onde a palavra é dita⁵⁷⁰. A Musa, interpretada por Cristina Pinheiro, tenta, por meio das artes, se libertar das amarras, do aprisionamento, da tirania e do total abandono, retrato da condição do artista independente no país. O curta teve como origem o poema **Cobra**, escrito por Fernando Campos.



O poema foi recriado no figurino-instalação de Patrícia Muniz, que soube captar com sensibilidade a poesia em sua estrutura e recriá-la em tecidos, transformando o figurino em verso. Verso que cita - por imagens, sobreposições - metáforas, como o pano estilhaçado vermelho, símbolo do amor, ou das luvas que escamam a pele que as veste. O figurino de Patrícia é um poema realizado, composto por diferentes métricas. Se no poema há variação no metro, no poema tecido por Patrícia são as diferentes extensões dos elásticos que compõe o verso em cena.



⁵⁶⁹ ROSEMBERG, Luiz. **Réquiem de uma musa**. 2007. Disponível em: <www.cinemadepoesia.art.br.>. Acesso em: jun. 2009.

⁵⁷⁰ O “Cinema de Poesia” chega ao universo das palavras, já sendo capaz de poetar a solidão humana destrozada pelo câncer político da burocracia como um espetáculo da Broadway. ROSEMBERG, Luiz. **Réquiem de uma musa**. 2007. Disponível em: <www.cinemadepoesia.art.br.> Acesso em : jun. 2009.

Réquiem de uma Musa possui um prólogo no qual são apresentados os artistas que compuseram a obra. A música inicial é a 20ª Sinfonia de Piano, de Beethoven. Nessa introdução percebe-se a dança entre a atriz e a fotografia, realizada em dueto. A câmera desenha formas a partir do gesto do ator e do figurino. Assim como na obra de Fernando, o figurino no quadro cinematográfico é tecido por imagens-tintas, esse conceito é recriado na linguagem audiovisual a partir da integração da dança ao registro das imagens em movimento.

A trilha sonora composta por João Gabriel Herculano rege o ritmo das imagens, dos movimentos, das cordas que parecem tocar o som em alguns instantes, grandes lâminas prateadas que impedem o resgate da musa. O poeta, pela força da metáfora, utiliza-se das artes para tentar transformar os fios brancos em lira, instrumento em que a poética possui domínio. No entanto, pode apenas acompanhar a musa desaparecendo metonimicamente entre as sombras.



Réquiem de uma musa é um curta experimentalíssimo que nos leva a pensar as nossas tantas impossibilidades, indo muito além da culpa. Culpar o outro é fácil. A questão é ir além da culpa, fazendo sempre. E se é verdade que a Arte é uma “perpétua criação de sinais que pertencem a todos”, André, Cristina, Patrícia e Fernando se deixam levar pelo encantamento da delicadeza humana frente ao saber. Saber para ser melhor. Saber viver. Saber ousar e transformar a escuridão do útero apodrecido (o país) em luz e movimento. Réquiem é um exemplo feliz da unificação de forças na fundamentação de um novo espaço cênico para a Poesia.⁵⁷¹

O processo de sonorização e *design* de som realizado por Marcelo Vidal e Guilherme Barros foi essencial para alcançar a qualidade estética sonora pretendida. A estreia do curta-metragem **Réquiem de uma Musa** aconteceu nas cidades onde Fernando fez suas primeiras mostras internacionais, no Festival Internacional de Vídeo Independente de Nova Iorque. Foi

⁵⁷¹ ROSEMBERG, Luiz. **Réquiem de uma musa**, 2007. Disponível em: <www.cinemadepoesia.art.br>. Acesso em: jun. 2009.

recebida uma boa crítica, enfocando o trabalho de fotografia, iluminação e montagem, que, conseguindo alcançar uma linguagem poética, soube unificar esses elementos. Uma obra na qual a presença da polifonia artística é constante. Abaixo, o poema **Réquiem para uma musa**, composto durante a etapa de edição.

Réquiem para uma musa – Há Poesia

Há quem modelou de versos um poema nos gestos a figurar por lâminas de mandrágoras...
Aquém estática escultura rompeu a palavra para emprestá-la em sonatas de movimentos...
E se no enterro do poeta apenas a quimera presente estava em uma aquarela de sofrimento
Há penas, de recitais de lágrima solitária musa em sua boca esculpida do eterno silenciada

Morto o poeta, esqueceram de que sua poesia com cal e terra não se entrega, adubada
face adunca de personagens vivos, dos teatros dos sonhos, das mensagens de lírios
Mesmo que retiradas as cordas de sua lira e da sua melodia, há penas de martírio
Há luta que nos versos aninham, o figurino de sois-ti-fazer em sombras amantes mútuas

Musa, empresta de sua rima a corda desta lira que hei de fazer este encanto em páginas
De recriar poemadros, dançetos, sonatas, escultrisas, e mesmo deste teu rosto cansado
Arado ao tempo pelos invernos que declamaram seus olhos. Solte o verso que a letra atado,
confinaram os poetas do passado. Que hoje, o poeta morto, é viva a poesia sem palavras.

André Scucato

Unindo o início do processo pela poesia e sua finalização pela pintura, publicamos aqui o poema Cobra e o quadro criado por Fernando Campos, a partir de uma cena interpretada por Cristina Pinheiro.

Cobra

Olho
Molho os olhos
Molho o molho
So ólho o olho
Mólho, me tolho
Sopro seu solo seco
Me encolho

Planto, rego, não colho
Peço, Rogo perdôo
Choro, juro, distraio, vôo
Filmo, escrevo, pinto ecôo
Espero, reflito, discuto caçôo
Depois acordo, me pego
Aos soluços, aos risos
nos seus braços de novo
Você enfim declara
Repara
Dispara
Me beija
E eu atordôo
Você despede, volta
Me pede
Me suga
Me segue
Eu corro
Eu tento
Eu côo
Você silva, morde, sua,
Enquanto eu sôo



Fernando Campos

O quadro finaliza o processo de polifonia artística, iniciado com a poesia de Fernando. Em um diálogo entre a pintura e o cinema, é possível avançar nos estudos e na interação das artes na composição de obras polifônicas do grupo Cinema de Poesia.

Música, uma criação Poética.

Fada Verde: Carvoeiro sobre a neve branca⁵⁷² é uma construção sonora que parte da criação literária, cênica e coreográfica para a composição musical. O conceito de polifonia artística transforma o piano em um palco, onde as mãos – dois bailarinos – dançam sobre as teclas os seus passos notáveis. Cada sílaba sonora do texto encontra uma representação em cada nota tocada ao piano, compondo frases, versos musicais. Há também a construção pictórica, sinestésica, composta a partir da cor do timbre.

Na construção a partir da dança, do balé exercido pelas mãos, a história encenada no palco ao piano é a dança entre uma bailarina e um poeta. O encontro, o desencontro representado pelo afastamento ou aproximação. É um diálogo poético tecido nos movimentos sonoros realizados sobre as teclas. Na construção literária, um poema é criado simultaneamente à narrativa, de modo que cada nota é uma sílaba, construindo em versos o diálogo entre o poeta e a bailarina. Na construção pictórica, o subjetivo pretendido era construir, por meio do timbre, a sensação de passos sobre a neve. A música foi composta para o longa **Antonin Van Artaud Gogh** e representa a fase religiosa da vida de Van Gogh em que ele caminhava sobre a neve grandes distâncias para apanhar lenha para a população do miserável vilarejo belga onde pregava. Portanto, para a criação da composição poética sonora **Fada Verde ou Carvoeiro sobre a neve branca**, foram utilizadas simultaneamente as criações a partir da dança, da literatura e da pintura.



⁵⁷² Fada Verde ou Carvoeiro sobre a neve branca é a construção sonora poética composta para o longa Antonin Van Artaud Gogh. Em sua composição, apenas as teclas pretas foram tocadas, ampliando a polissemia do seu título, ao fazer referência baseada na verossimilhança entre as cores do piano em relação ao passos do carvoeiro sobre a neve.

No processo de gravação, a *techné* cinematográfica é essencial. Uma câmera equipada com microfones registra a música. Depois desse processo, as imagens ou o som são entregues ao músico para o registro em pauta musical. Para realizar esse trabalho, foi necessária a ajuda do músico João Gabriel Herculano. A partir desse encontro, uma parceria foi construída em muitas obras.



João Gabriel Herculano⁵⁷³ compôs a música **Balanço de Outono**⁵⁷⁴ e **Condução de Orfeu para o Labirinto de Esher** para a premiada série **Elevadores**. No curta **Abismo da Alma**, criou as músicas **Passos de Artaud**, **Improviso ao Piano** e **Jenny Love**. No trabalho **Réquiem de uma Musa**, utilizou-se a música Perfidez. A trilha do mais recente trabalho do grupo **Elegia a Vida** possui sua assinatura.

João Gabriel assina também a trilha sonora do longa-metragem **Antonin Van Artaud Gogh**, ainda em fase de produção, com 13 músicas compostas para piano. O intercâmbio de conhecimento com ele foi fundamental para a criação da trilha sonora **Je Suis Jean Cocteau**.

Je suis Jean Cocteau, composta por Cristina e André, tem como objetivo reconstruir o movimento cênico da obra cinematográfica de Jean Cocteau para o piano. Foi necessário um estudo de quatro meses dos filmes antes de compor um diálogo musical a quatro mãos, utilizando a câmera mais uma vez para captar a música. O processo foi novamente utilizado na composição de seis músicas, por André e Cristina, para o longa-metragem **Antonin Van Artaud Gogh**.

⁵⁷³ João Gabriel Herculano é o músico do grupo Cinema de Poesia. Nosso primeiro encontro aconteceu durante o espetáculo Roda da Fortuna. Nos ensaios iniciais, ele tocava piano para o acompanhamento da cantora lírica do espetáculo. O primeiro trabalho foi transcrever para a pauta musical a construção poética Fada Verde.

⁵⁷⁴ A composição **Balanço de outono** também é utilizada no curta-metragem **Desfolhando**, da série **Pleonasmo Vicioso**.

A Poética do Escambo e sua produção

O tema da companhia nos cinco anos de produção tornou-se “A sua arte ajuda a fazer a nossa arte, a nossa arte ajuda a fazer a sua.” No brinde, o bordão “Arte, amor e amizade” retrata os três princípios que regem a fundação do grupo. A produção intensa só foi possível pela união que utiliza a arte como moeda de troca, praticando um escambo artístico. Muitas vezes o trabalho é realizado sem outras intenções senão o seu registro, documentando trabalhos importantes da cena contemporânea de arte independente no Rio de Janeiro. A parceria no cinema começou com o trabalho **Materialismo Dialético**, de Vinícius Cabral.



O curta-metragem foi filmado, encenado e editado em um final de semana. Com o argumento original, Vinícius contou com o apoio do grupo Cinema de Poesia para a filmagem e edição do vídeo. O realizador mineiro possui uma consistente pesquisa de linguagem, política, crítica, consciente, necessária. A troca de experiência foi importante para a evolução do trabalho político desenvolvido pelo grupo Cinema de Poesia, que teve, no curta-metragem de Vinícius Cabral, **Materialismo Dialético**, o início da trajetória política em seus trabalhos. Bia Wheter escreve sobre sua obra e pesquisa:

Mas, mesmo estando de fora da minoria privilegiada - talvez pela sua veia crítica e pouco recheada de sacadas pops - sua obra já está viva, existe, procede e vale um artigo. E nem é porque ele costuma falar de guerrilha digital e terrorismo audiovisual, mas sim porque este cineasta na verdade dialoga em poesia. De minha parte acho instigante observar de fora o incômodo inerente, a honestidade despreocupada do trabalho. O que ele faz por conta de seus filmes eu chamo de dialética. São vários diálogos que nem sempre se vê à primeira vista (...).E há, na obra do Cabral, uma outra conversa mais clara, que é do seu desconforto com esse nosso mundo patético. Uma crítica a respeito do modo como conduzimos o planeta.⁵⁷⁵

Sobre o curta-metragem **Materialismo**, Bia Werther escreve:

⁵⁷⁵WHERTER, Bia. **A dissecação randômica da obra de Vinícius Cabral**. Disponível em: <www.cinema.com.br/site/opinioao-internal.php?id=182> Acesso em: jun. 2009.

Materialismo Dialético, 2005, tem direção de elenco importante, um outro Vinicius que não está no Youtube. A câmera na mão atua, conversa muito. Embora seja um dos primeiros, parece o mais adulto nos fundamentos, mas claro que o Vinicius brincou livremente com eles. Quadros muito belos da personagem obsessiva.⁵⁷⁶



O curta-metragem possui a Fotografia de André e Vinicius, e uma edição coletiva coordenada pelo realizador mineiro.

Com o realizador carioca Marcelo Ikeda, o trabalho desenvolvido foi **Cartas de Um Jovem Suicida**, filmado em um único plano-sequência, consistindo em um verdadeiro desafio técnico e artístico.

Filmando inteiramente em plano-sequência, Marcelo Ikeda parece ter encontrado em **Carta de um jovem suicida** uma possibilidade de exercício cinematográfico, mas sem perder de vista seu ponto essencial, a dor da mãe que se transforma e transforma a casa a partir da perda do filho.⁵⁷⁷

A passagem de tempo é fornecida pelo cenário, pela mudança ou supressão de elementos cenográficos. A edição é realizada nos bastidores, simultaneamente à gravação do trabalho. Ikeda estabelece uma relação de antítese, de oposição, ao escolher o plano-sequência - que é a proposta de não intervenção, do realismo – para modificar o cenário.

Contudo, ao mesmo tempo em que o plano-sequência joga todas as atenções à mulher, acompanhando-a calmamente, chama também atenção para si mesmo, o plano-sequência. Ikeda utiliza alguns truques recorrentes quando se opta por este recurso, como a mudança de cenografia e de luz em um local temporariamente fora da amplitude de visão das lentes.⁵⁷⁸

⁵⁷⁶ WHERTER, Bia. **A dissecação randômica da obra de Vinicius Cabral**. Disponível em: <www.cinema.com.br/site/opiniaointerna1.php?id=182> Acesso em: jun. 2009.

⁵⁷⁷ SOUTO, Mariana. **Carta de um jovem suicida**. Disponível em: <[ww.filmespolvo.com.br/site/eventos/cobertura/265](http://www.filmespolvo.com.br/site/eventos/cobertura/265)>. Acesso em: jun. 2009.

⁵⁷⁸ Ibid.

Cartas de um Jovem Suicida, interpretado por Cristina Aché e Franco Almada, recebeu Menção Honrosa “Linguagem” no 10º Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte, realizado em 2008.



Neste ano, em parceria com Luiz Rosenberg Filho, foi realizado o roteiro **Investigações Poéticas**. Em paralelo, a pedido do cineasta, houve também um estudo sobre movimentos de câmera e luzes noturnas, surgindo, assim, o trabalho **Gradação**. O objetivo era compor texturas com a câmera para serem utilizadas como base gráfica para as colagens de Rosenberg no trabalho **Memórias**.

No dia em que foi confirmada a reeleição de Bush, em novembro de 2004, o poeta e escritor Moacy Cirne escreveu a poesia **Sangue**, que descreve a relação entre poesia, história e cinema, trabalho produzido por Palmares e editado pelo Cinema de Poesia. A fotografia foi realizada por Renaud Leenhardt sob a direção de Moacy e Luiz Rosenberg Filho, sendo exibido no *site* Tlaxcala,⁵⁷⁹ que possui acesso mensal superior a um milhão de visitantes. A seguir, o poema escrito por Moacy Cirne.



⁵⁷⁹ Disponível em: < http://www.tlaxcala.es/detail_artistes.asp?lg=de&reference=120 > Acesso em: jun. 2009.

MAIS SANGUE! MAIS SANGUE!

O Imperador do Mal,
dos quintais apodrecidos das Américas,
sentindo-se mais fortalecido do que nunca,
ataca de novo com sua empáfia de hiena pervertida:
Quero mais sangue! Quero mais sangue!
O sangue dos árabes inocentes!
O sangue dos latinos indecentes!
O sangue dos negros impotentes!

Recorro a Walt Whitman para detê-lo com a voz da poesia.
E o Imperador, maléfico, insiste:
Quero mais sangue! Quero mais sangue!
E que Whitman vá para o Inferno!...

Recorro a Charlie Chaplin para detê-lo
Com a voz do humanismo.
E o Imperador, diabólico, explode:
Quero mais sangue! Quero mais sangue!
E que Chaplin vá para a puta que o pariu!

Recorro a John Coltrane para detê-lo
com a voz da paixão.
E o Imperador, nefasto, agride:
Quero mais sangue! Quero mais sangue!
E que Coltrane vá para o diabo que o carregue!

Recorro, por fim, a Susan Sontag
para detê-lo com a voz da sabedoria.
E o Imperador, maldito, não se contém:
Quero mais sangue! Quero mais sangue!
E que a Sontag vá se fuder!
Mando-o, então, à merda,
uma, duas, três, mil vezes,
e vou ouvir Pixinguinha,
Noel Rosa,
Luiz Gonzaga.
E me preparo, calmamente,
para mais uma guerra.⁵⁸⁰

Compondo um manifesto antibelicista, produzido por Luiz Rosemberg Filho e Moacyr Cirne, o grupo Cinema de Poesia ficou responsável pela pesquisa de algumas imagens e do processo de edição do curta-metragem. “Partindo de um poema bem-humorado e raivoso de Moacyr Cirne, chegamos a uma montagem criativa e ousada para o cinema”.⁵⁸¹

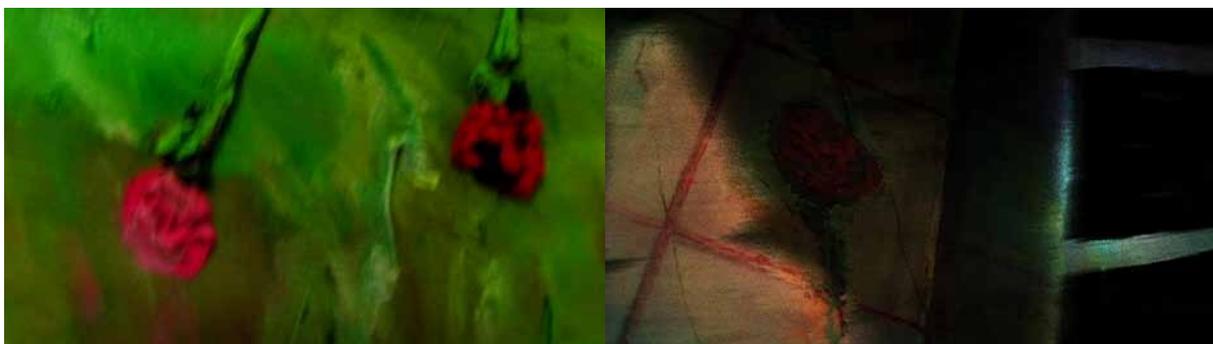
O que existe é uma sólida ponte através da qual o teatro e o cinema podem fazer criativamente um uso da poesia. Tanto um filme como outro tentam conduzir o pensamento do espectador para um excesso de informações, que se tornam suportáveis pelo uso da imagem, da música e da montagem.⁵⁸²

⁵⁸⁰CIRNE, Moacyr. **Mais Sangue, mais sangue**. Trad. Alex Tarradellas. Disponível em: <<http://www.tlaxcala.es/>> Acesso em: jun. 2009.

⁵⁸¹ TLAXCALA. Disponível em: < http://www.tlaxcala.es/detail_artistes.asp?lg=de&reference=120/> Acesso em: jun. 2009. CIRNE, Moacyr. **Mais Sangue, mais sangue**.

⁵⁸²AUGUSTO, Paulo. **Luiz Rosemberg: Auto-retrato aos 60**. Disponível em: < http://radarpotiguar.blogspot.com/2006_07_01_archive.html>. Acesso em: jun. 2009.

A obra do pintor e artista Plástico André Brandão⁵⁸³ é um exemplo do escambo em nossa produção. O curta-metragem **Requadros Urbanos** foi realizado sobre esse processo de criação.



O pintor tece diálogos com o urbano, sem se esquecer da poesia e das flores. O vazio das relações pode ser percebido, como na série **Urbano**, em contraste à beleza lírica da série **Flying Flowers**, impressiona.

O diretor, ator e escritor Giba de Oliveira é responsável pela iluminação dos curtas **Abismo da Alma**, **O Poeta e a Bailarina**, **Príamo e Tisbe**, e do longa-metragem **Antonin Van Artaud Gogh**. Sua sensibilidade e formação tornam-se essenciais não só na iluminação, colaborando no roteiro e na direção do trabalho. Giba é, antes de tudo, um homem do teatro. Daqueles que atuam em cada espaço, técnico ou do pensar cênico. Uma atividade complementa e potencializa a outra, tornando-o um artista múltiplo, um Poeta da Luz.



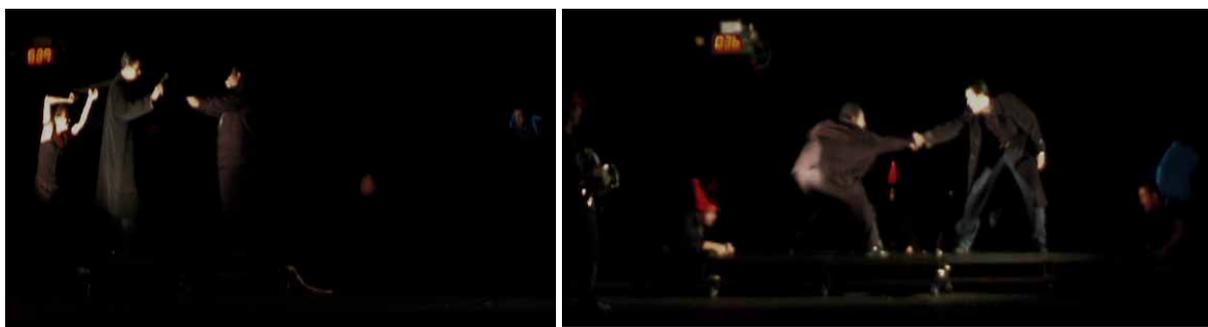
Do mínimo de fonte luminosa necessária, sabe tecer com propriedade a magia da luz. Graças ao seu trabalho precioso, o curta-metragem **Abismo da Alma** conquistou o prêmio de melhor Fotografia no 2º Festival Nacional de Vídeos de Colatina, realizado no Espírito Santo.

⁵⁸³ André Brandão é pintor, artista plástico e produziu diversas telas para o longa-metragem **Antonin Van Artaud Gogh**.

Seu esquete **Segundos Fatais**, com dez minutos de duração, teve sua estreia aplaudida no teatro Sérgio Porto. Nessa montagem, construída através da grafia da luz, a iluminação é a condutora do espetáculo. Em cena carregada pelos atores, é responsável pela tensão, perseguições e movimentações. Pela personificação da luz, Giba de Oliveira constrói um espetáculo de alta expressividade poética.



A iluminação é a condutora do espetáculo. Responsável pela tensão, perseguições, movimentações, desaparecimentos, tiroteios e emboscadas. E Giba de Oliveira evidencia tudo isso apenas pela escrita da luz, como cenário, roteiro, atuação, conduzindo, assim, pela personificação, um espetáculo de alta expressividade poética. O Grupo Cinema de Poesia registrou essa performance, reproduzida nas imagens abaixo.



A tensão cresce gradativamente ao desenrolar do esquete devido a um motivo: a contagem regressiva de dez minutos para o desativamento da bomba, ou a sua explosão. O trabalho de iluminação responsável pelo início da parceria foi o desenho de luz realizado no espetáculo **Sonhos de uma noite de Verão**, de Shakespeare, da companhia teatral Os Soberanos. Do espetáculo **Sonhos de uma noite de verão**, encenado pela companhia, surgiu a proposta de registrar a peça dentro da peça, que ocorre no texto de Shakespeare. Surge o trabalho **Píramo e Tisbe**, principais personagens dessa história secundária existente no texto do dramaturgo inglês.

Inicia-se, então, uma excelente parceria. Em troca do espaço para ensaio e gravações, todas as peças encenadas eram registradas, ajudando a contar a trajetória e a evolução do trabalho desenvolvido pela companhia teatral.



Entre 2005 e 2006, foram registradas e editadas as peças **Sonho de uma noite de Verão**, **Muito Barulho por Nada**, **Perdoa-me por me traíres**, de Nelson Rodrigues, e **Roque Santeiro**, de Dias Gomes.



Além do trabalho da companhia teatral, outro artista contemporâneo estudado é o ator e diretor Renato Carrera. Sua pesquisa de linguagem no teatro se aproxima da nossa pesquisa desenvolvida no cinema. Um exemplo dessa interação de linguagens foi a realização do *trailer* da peça **1/4 Escuro**, dirigida por Carrera, em que os personagens da peça utilizaram uma outra locação para a produção de um *trailer* exibido na rede de Cinema Estação Botafogo, divulgando a peça **1/4 Escuro**.



O espetáculo **Autópsia**, dirigido por Renato Carrera, dialoga com as obras do cineasta Ingmar Bergman. A partir de imagens realizadas sobre esse trabalho, o grupo Cinema de Poesia desenvolve a série **Pecados Capitais**, com previsão de finalização em janeiro de 2010.



Realizando um escambo na arte, o grupo Cinema de Poesia parte ora do teatro, ora do cinema, da literatura, da pintura para produzir a sua obra. A integração e a parceria com artistas de diversos campos possibilitam a troca de experiência e de ajuda mútua na produção, pensamento e registro de uma importante história da arte independente nacional.